



## **O Renascimento e Os Lusíadas**

*Interpretação da Proposição de Os Lusíadas*

**Professor Jorge Miguel**

## **O Renascimento e Os Lusíadas**

### **Interpretação da Proposição de Os Lusíadas**

**PROFESSOR JORGE MIGUEL**

#### **Leia com atenção as estrofes I, II e III do Canto I**

1

As armas e os barões assinalados,  
Que da ocidental praia Lusitana,  
Por mares nunca de antes navegados,  
Passaram ainda além da Taprobana,  
Em perigos e guerras esforçados,  
Mais do que prometia a força humana,  
E entre gente remota edificaram  
Novo Reino, que tanto sublimaram;

2

E também as memórias gloriosas  
Daqueles Reis, que foram dilatando  
A Fé, o Império, e as terras viciosas  
De África e de Ásia andaram devastando;  
E aqueles, que por obras valerosas  
Se vão da lei da morte libertando;  
Cantando espalharei por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

3

Cessem do sábio Grego e do Troiano  
As navegações grandes que fizeram;  
Cale-se de Alexandro e de Trajano  
A fama das vitórias que tiveram;  
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,  
A quem Neptuno e Marte obedeceram:  
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta.

Cantando, espalharei (falarei conhecidos) por toda a parte do mundo, se a tanto me ajudar o engenho e a arte (o talento e o saber), as armas (os

homens célebres pelos seus feitos de armas) e os assinalados (ilustres, egrégios) varões que, partindo da ocidental praia lusitana (Portugal, cujo território está no ocidente da Europa), por mares nunca antes navegados, passaram ainda além da Taprobana (nome antigo da ilha de Ceilão, no oceano Índico) e edificaram (criaram, fundaram), entre remota gente (gente de longínquas regiões), um novo reino (o comércio nas Índias), que tanto sublimaram (engrandeceram), sendo esforçados em perigos e guerras, mais do que a força humana prometia e também farei conhecidas as gloriosas memórias (os atos gloriosos que deixaram memória) daqueles reis que foram, uns após outros, dilatando a fé (propagando a fé, aumentando o número de crentes na religião católica) e dilatando o Império (aumentando o domínio português) e andaram devastando as viciosas terras (os costumes viciosos, os maus costumes dos povos não-cristãos) de Ásia e África; e farei conhecidos aqueles varões que por terem praticado obras valerosas, se vão libertando da lei da morte (homens célebres, desaparecidos do mundo, que vão revivendo na lembrança das gerações, ao contrário da regra geral cuja natural consequência é o esquecimento).

Cessem de ser cantadas as navegações do Troiano (Enéias, o herói que deu assunto à Eneida de Virgílio) e do sábio grego (Ulisses, o herói que deu assunto à Odisséia de Homero), as grandes navegações que eles fizeram; cale-se a fama das vitórias de Alexandre (Alexandre Magno, rei da Macedônia, notável como guerreiro e conquistador da Grécia, Pérsia e Egito) e de Trajano (Imperador romano, notável como vencedor dos Décios e dos Partos), pois eu canto (celebro em verso) o ilustre peito lusitano (o ânimo, a intrepidez dos portugueses ilustres) a quem Netuno e Marte obedeceram (a quem os mares e as armas obedeceram; pois os portugueses venceram nas lutas das ondas e nas lutas da guerra). Cesse de ser cantado tudo que a antiga musa (a poesia antiga) canta, que outro valor mais alto se levanta (o valor e a grandeza das proezas dos lusitanos

são mais notáveis, mais dignos de menção; tudo que a Poesia antiga tem celebrado vale pouco em comparação aos casos que o poeta vai narrar a respeito dos portugueses).

1) Vamos delimitar as duas partes lógicas do texto

O texto divide-se em duas partes lógicas, sendo a primeira construída pelas duas primeiras estrofes, e a segunda, pela terceira.

2) Que pretende o poeta comunicar-nos na primeira dessas partes?

O poeta pretende apresentar o assunto do poema: vai cantar as façanhas guerreiras dos homens ilustres que se fizeram heróis, devassando o mar desconhecido e fundando, no oriente, novo reino, como também os reis que dilataram a fé e o império na África e na Ásia e aqueles que se tornaram imortais.

3) Que pretende o poeta comunicar-nos na segunda dessas partes?

O poeta afirma que vai cantar a glória do povo português cujas façanhas ultrapassaram, em valor, as cantadas nos poemas greco-romanos.

4) Vamos demonstrar que, neste texto, já estão anunciados os quatro planos fundamentais de Os Lusíadas:

a) Plano da viagem

As armas e os barões assinalados... passaram além da Taprobana... e entre gente remota edificaram Novo Reino.

b) Plano da História de Portugal

E também as memórias gloriosas daqueles reis que foram dilatando a fé e o Império. Que eu canto o peito ilustre lusitano.

c) Plano dos deuses e heróis

Mais do que prometia a força humana... Se vão da lei da morte libertando.  
A quem Netuno e Marte obedeceram.

d) Plano das considerações do poeta

Cessem do sábio grego e do troiano ...  
Cale-se de Alexandro e de Trajano ...  
Cesse tudo que a Musa Antiga canta ...  
Que outro valor mais alto se alevanta ...

5) O poeta canta a alma de uma pátria que foi, é e será.

Mostre no texto:

a) O passado

Passaram ... Edificaram ... Sublimaram ... Foram dilatando ... Andaram  
devastando ...

b) O presente e o futuro

E aqueles que por obras valerosas  
Se vão da lei da morte libertando.

6) A Eneida de Virgílio começa assim: "Arma virunque cano", que se traduz por "eu canto as armas e o varão ilustre". O varão ilustre é Enéias. Compare o herói de "A Eneida" e o herói de "Os Lusíadas".

Virgílio canta Enéias e seus feitos guerreiros. Camões canta e o herói coletivo. Canta as armas e os barões assinalados (plural) e os reis e todos que se imortalizaram em feitos ilustres.

7) No período compreendido entre 1450 e 1600, surgiu na Europa – principalmente na Itália, um movimento a que se chamou renascimento. Tem o Renascimento alguns significados.

a) **A Antiguidade.** Redescobre as obras literárias, históricas e filosóficas da civilização greco-romana. Julgavam os renascentistas terem os gregos e romanos atingidos o auge da civilização. Portanto, era importante restaurar tal civilização.

Mostre, no texto, a **Antiguidade.**

Marte - Deus da Guerra

Netuno – Deus dos Mares

Musas – uma das nove filhas de Júpiter. Presidia a poesia e a eloquência

Sábio Grego (Ulisses)

Sábio Troiano – (Enéias)

Alexandre – (Rei da Macedônia)

Trajano (Imperador Romano)

b) **A Humanidade.** Valoriza o homem. O homem é o centro do universo. Na Idade-Média, tínhamos o homem místico, religioso, voltado para o céu e para Deus. No Renascimento, o homem afirma-se como criatura mais importante do universo. Homem corpo, não alma; matéria, não espírito; ciência, não fé; terra, não céu. O Humanismo parte do estudo da cultura antiga e, com base nela, valoriza tudo o que é humano e exalta os valores do Homem como centro do universo (antropocentrismo). No século XVI, o pensamento incide mais na vida do homem, cidadão do mundo... e o mundo é a pátria do homem. Generaliza-se tal qual na Grécia e Roma antigas, a tendência para valorizar tudo quanto pode elevar a vida do homem terreno.

Mostre, no texto, a **Humanidade**.

As armas e barões...

E aqueles que por obras valerosas se vão da lei da morte libertando...

Sábio Grego, Sábio Troiano, Alexandre e Trajano.

A quem Netuno e Marte obederam

Valor mais alto se alevanta

c) **A Universalidade.** Incorpora o mar entre os elementos medievais. A Idade Média conhecia a terra e o céu, com primazia deste sobre a terra. O Renascimento descobre o mar e lhe dá primazia. O homem renascentista desbrava os oceanos, luta contra a tempestade em alto-mar. Vê que os mares não são povoados pelos seres fantásticos e monstruosos que sempre lhe atormentavam a mente. No Renascimento, a terra tem primazia sobre o céu e o mar, sobre a terra.

Mostre, no texto, a **Universalidade**.

Ocidental praia... mares... Taprobana ... gente remota ... Novo Reino ...  
Império ... terra de África e de Ásia... navegações ... vitórias

d) **Mitologia.** As personagens mitológicas têm uma vida que falta às personagens históricas: São elas as verdadeiras criaturas humanas, que sentem, se apaixonam, intrigam e fazem a história. Ninguém tem o vulto, a irradiação, a força, a personalidade provocante de Vênus. Através da Mitologia, Camões exprime algumas tendências profundas do Renascimento.

Mostre, no texto, a **Mitologia**

Netuno, filho de Saturno e irmão de Júpiter, Deus dos Mares.

Marte, filho de Júpiter, Deus da Guerra.

Musa, a protetora das artes.

8) **Formalismo.** Tudo, nas estrofes, obedece a uma disposição e medida pré-estabelecidas. O esquema rimático é fixo – ABABABCC, sendo, portanto, a rima cruzada nos seis primeiros versos e emparelhada nos dois últimos. As estrofes são oitavas em verso decassílabo, geralmente heróicos.

Mostre, no texto, o **Formalismo.**

Rima abababcc

Ritmo – decassílabo heroico

Oitava Real ou Oitava Camoniana – racionalismo

9) **Racionalismo.** O texto é racional. Conta a história, sem interferir nos acontecimentos. Atitude de afastamento – não envolvimento. Por ser racional é universal; por ser universal é impessoal; por ser impessoal é ideal.

Mostre, no texto, o **Racionalismo.**

Encara fatos e ideias de um ponto de vista puramente racional. Privilegia a razão como meio de conhecimento e como explicação da realidade. Privilegia formas argumentativas e dedutivas do conhecimento histórico, em detrimento da fé, do misticismo, da intuição ou da revelação religiosa. A realidade histórica confirma a veracidade dos versos camonianos.

10) Preencha o espaço

Idade média	Renascimento
Teocentrismo	Antropocentrismo
Espiritualismo	Racionalismo
Fé	Razão
Religiosidade	Cientificismo
Cristianismo	Paganismo
Céu	Terra e Mar
O Latim a serviço da fé	O latim a serviço da beleza estética
Sobreposição da vida eterna à terrena	Sobreposição da vida terrena à eterna
O Evangelho é modelo de vida e arte	O modelo de vida e de arte é a natureza
Vontade de salvação celestial	Vontade de glória e fama terrenas
Santos cristãos	Mitologia



**O RENASCIMENTO E OS LUSÍADAS**  
**LUÍS VAZ DE CAMÕES (1524? – 1580)**

**Professor Jorge Miguel.**

Nasceu, provavelmente, em Lisboa. Estudou em Coimbra. De vida boêmia, foi preso por ferir Gonçalo Borges, servidor do Paço, em 1552. Sua libertação se dá pouco depois, sob a condição de engajar-se no serviço militar ultramarino, partindo, então, Camões para a Índia. Foi provedor dos defuntos e ausentes em Macau. Anos depois, ao viajar para Goa, naufraga na foz do rio Mecon. Anda depois por Málaga e várias ilhas da Malásia. Volta pobre para Lisboa em 1569. Em 1572 publica *Os Lusíadas*. O século de Camões (XVI) é marcado pelo grande movimento cultural do Renascimento, cuja gênese está no desenvolvimento do comércio, das atividades industriais e das cidades. A velha cultura clerical da Idade-Média não consegue satisfazer as novas necessidades nem as aspirações culturais. O Renascimento, com o Humanismo e o Classicismo, representou uma mudança decisiva em relação à concepção medieval do Homem e o Mundo. Ao Teocentrismo medieval sucede o Antropocentrismo em que o homem passa a ser o pólo central, o valor máximo. O Homem assume o papel de sujeito da História e do progresso.

***Os Lusíadas***

Aeneades são os romanos, descendentes de Enéias; Ilíades são os troianos, de ascendentes de Ílus; Lusitanos são os portugueses, descendentes de Luso. Segundo Camões, Portugal foi chamado antigamente Lusitânia, palavra derivada de Luso ou Lísias, filhos ou companheiros de Baco, primeiros habitantes da parte ocidental da península hispânica.

Esta é a ditosa pátria minha amada,  
À qual se o céu me dá que eu sem perigo  
Torne com esta empresa já acabada,  
Acabe-se esta luz ali comigo.  
Esta foi Lusitânia, derivada  
De Luso ou Lisa, que de Baco antigo  
Filhos foram, parece, ou companheiros,  
E nela estão os íncolas primeiros

Canto III/21

Esta Terra portuguesa é a ditosa, afortunada pátria minha amada; se o céu me dá (me permite) que eu torne a ela sem perigo e com esta minha empresa (empreendimento de descobrir o caminho para a Índia, contornando o Sul da África) já acabada, acabe-se esta luz (esta vida) ali comigo (terei morte feliz, prestando tal serviço à minha pátria). Esta terra foi chamada antigamente Lusitânea, palavra derivada de Luso ou Lísias, que, parece, foram filhos ou companheiros de Baco antigo e que foram nela os primeiros íncolas.

Rigorosamente, pois, o vocábulo *Lusíadas* significa “os heróis portugueses” – aliás, a obra não é outra coisa, senão a história de Portugal, de seus nomes ilustres, dos primórdios até o reinado de D. Sebastião. *Os Lusíadas* cantam o presente, o passado e o futuro. O presente é a viagem de Vasco da Gama, contornando o Cabo da Boa Esperança, em direção à Índia. A viagem, por ser a primeira da História, dá a Portugal o vasto império do Oriente. O passado é gloriosa história de reis e varões ilustres que o autor faz Vasco contar ao rei de Melinde e ao governador de Calicut (cantos III, IV, V e VIII). O futuro também aparece em forma de profecias nas conversações de Vasco com o gigante Adamastor (canto V) e com uma deidade da Ilha de Amores (canto X). Os fatos verdadeiramente históricos confundem-se com a mitologia – história

fabulosa dos deuses, semi-deuses e heróis da antiguidade clássica greco-romana. O poema tem dez cantos, divididos em estâncias de oito versos ou oitavas. Há 1102 estrofes, portanto 8816 versos. Os versos são decassílabos heróicos. A oitava é real, ou seja, o esquema rímico é abababcc. “Os Lusíadas” são uma epopéia do renascimento. Também são considerados uma epopéia de imitação. Epopéia, porque se trata da narração em verso de um fato histórico grandioso que, pela transcendência, interessa a toda humanidade. E epopéia de imitação, porque seguem os modelos das chamadas epopéias primitivas, isto é, a “Ilíada” e a “Odisséia de Homero”. Tal imitação se faz indiretamente através da “Eneida de Virgílio”, que Camões chega a seguir muito de perto em alguns episódios. Publicados num momento em que o Império Português mostrava já sinais evidentes de crise e ruína próxima (1572), “Os Lusíadas” cantam a glória do povo português (“o peito ilustre lusitano”), com incidência no seu período de maior fulgor – a época dos Descobrimentos, representada pela viagem de Vasco da Gama em 1498. Os dez cantos constituem dois ciclos épicos:

a) O 1º ciclo épico (Do Canto I ao Canto V):

Introdução (Proposição, Invocação e Dedicatória)

Viagem de Moçambique a Melinde (Cantos I e II)

História de Portugal (Cantos III e IV)

Viagem de Belém a Melinde (Canto V)

b) O 2º ciclo épico (Do Canto VI ao Canto X)

Viagem de Melinde a Calecute (Canto VI).

Permanência na Índia (Canto VII e VIII)

Regresso e paragem na Ilha dos Amores (Cantos IX e X)

Conclusão: Apelo a D. Sebastião (Canto X).

## ESTRUTURA INTERNA

### **PROPOSIÇÃO**

Começa o poema pela **Proposição** – exposição do assunto que vai glorificar. Na proposição, o poeta nos apresenta o assunto em que proclama ir cantar as grandes vitórias e os homens ilustres (“As armas e os barões assinalados”), as conquistas e navegações no Oriente (Reinados de D. Manuel e D. João III), as vitórias na África e na Ásia (Desde D. João I a D. Manuel) que dilataram a “Fé e o Império” e, por último, todos aqueles que “por obras valerosas se vão da lei da morte libertando”, todos aqueles que no passado, no presente e no futuro, mereceram, merecem ou vierem a merecer a “imortalidade” na memória dos homens.

1

As armas e os barões assinalados,  
Que da ocidental praia Lusitana,  
Por mares nunca de antes navegados,  
Passaram ainda além da Taprobana,  
Em perigos e guerras esforçados,  
Mais do que prometia a força humana,  
E entre gente remota edificaram  
Novo Reino, que tanto sublimaram;

2

E também as memórias gloriosas  
Daqueles Reis, que foram dilatando  
A Fé, o Império, e as terras viciosas  
De África e de Ásia andaram devastando;  
E aqueles, que por obras valerosas  
Se vão da lei da morte libertando;  
Cantando espalharei por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

3

Cessem do sábio Grego e do Troiano  
As navegações grandes que fizeram;  
Cale-se de Alexandro e de Trajano  
A fama das vitórias que tiveram;  
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,  
A quem Neptuno e Marte obedeceram:  
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta.

## CANTO I

### **INVOCAÇÃO**

Segue-se a **Invocação** às ninfas do Tejo. Consiste a Invocação em pedir ajuda a entidades mitológicas, chamadas Musas. Predomina, na Invocação, a função apelativa da linguagem pelo uso do imperativo, do vocativo e da repetição anafórica: “Dai-me”, na estrofe 4, verso 5 e na estrofe 5, versos 1 e 5. Pretende Camões, nestas duas estrofes, que as Tágides lhe dêem uma estilo sublime (“um som alto e sublimado”), à altura dos feitos que se propõe narrar e de forma que a gesta lusíada se torne conhecida em todo o universo. Não lhe interessa, agora, a inspiração lírica e bucólica que as Musas lhe prodigalizaram no passado. Pretende agora voar mais alto. Nos poemas antigos, a Invocação era, geralmente, feita a divindades mitológicas favoráveis à poesia e às artes – As Musas. Esperar-se-ia, pois, que Camões as invocasse também no início do seu poema, já que todo ele pressupõe a intervenção da mitologia. O poeta, porém, invoca as Tágides (ninfas do Tejo) como divindades, tão capazes como as musas antigas de conceder uma inspiração qualitativamente igual, agora marcada por um cunho nacional. As ninfas do Tejo dão ao poema um sentido português.

4

E vós, Tágides minhas, pois criado  
Tendes em mim um novo engenho ardente,  
Se sempre em verso humilde celebrado  
Foi de mim vosso rio alegremente,  
Dai-me agora um som alto e sublimado,  
Um estilo grandíloco e corrente,  
Porque de vossas águas, Febo ordene  
Que não tenham inveja às de Hipocrene.

E vós, minhas queridas Tágides (ninfas do Tejo), visto que tendes criado em mim um novo engenho ardente (talento novo e entusiástico, porque antes o engenho só se manifestara na poesia lírica) e visto que o vosso rio foi sempre por mim celebrado alegremente em humilde verso (poesia lírica) – dai-me agora um som alto e sublimado (versos sonoros e sublimes), dai-me um estilo grandíloco e corrente (eloqüente e fluente) para que Febo (Apolo – Deus da Poesia) ordene, a respeito de Vossas águas, que elas não tenham inveja às águas de Hipocrene (fonte de água em Hélicon).

Ninfas do Tejo – invenção do poeta (do latim Tagus), imitando os poetas gregos e latinos que pediam inspiração às Musas.

Águas de Hipocrene – nome grego de uma fonte fabulosa em Hélicon cujas águas davam inspiração poética; águas que jorravam no chão quando Pégaso, cavalo alado, em que o filho de Júpiter montava, aí batia com a pata. Hipocrene e Pégaso são igualmente símbolo da inspiração poética. O poeta deseja que seus versos sejam tão formosos como os dos célebres poetas gregos.

5

Dai-me uma fúria grande e sonora,  
E não de agreste avena ou frauta ruda,  
Mas de tuba canora e belicosa,  
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;  
Dai-me igual canto aos feitos da famosa  
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;  
Que se espalhe e se cante no universo,  
Se tão sublime preço cabe em verso.

Dai-me uma fúria (ímpeto, arrebatamento, entusiasmo, veemência) grande e sonora, e não de campestre flauta pastoril ou de flauta rústica,

mas de tuba (trombeta) canora (estridente) e belicosa (som que estimula a guerra) que acende o peito (incute coragem) e muda a cor ao gesto (faz refluir o sangue às faces, avermelhando-as); dai-me canto que seja igual aos feitos da famosa gente (versos tão excelentes como foram excelentes as proezas da gente portuguesa), que tanto ajuda a Marte (não é o deus da guerra que ajuda os portugueses, são estes que lhe dão auxílio – hipérbole), para que esta gente se espalhe (seja conhecida no universo), se tão sublime preço cabe em verso.

“Mas de tuba canora e belicosa”

O poeta pede às Musas do Tejo que o inspirem para que os seus versos não tenham o som doce da flauta pastoril, mas produzam os efeitos da trombeta estridente, que se ouve a grande distância e que dá as vozes do comando na guerra; deseja que a sua palavra seja entusiástica, elevada e comunicativa como convém a epopéia.

“Se tão sublime preço cabe em verso”

Exalta tanto o poeta as virtudes dos portugueses que duvida ou suspeita que elas caibam em versos como se dissesse que estes têm medida e aqueles não a têm.

## DEDICATÓRIA

A **Dedicatória** é feita ao infante D. Sebastião – futuro Rei de Portugal. O caráter oratório do discurso é que determina o uso da segunda pessoa do plural (“vós”), do modo imperativo (“inclinai”, “ponde”, “ouvi”, “tomai”, “daí”, “costumai-vos”), e de numerosas apóstrofes (“ó bem nascida segurança ... cristandade”; “ó novo temor da moura lança, Maravilha fatal da nossa idade”, “tenro e novo ramo ... chamada”; “poderoso Rei”; “sublime Rei”). D. Sebastião encarna toda a esperança do poeta que quer ver nele um monarca poderoso, capaz de retomar a “dilatação da Fé e do Império” e de ultrapassar a crise por que passa, naquele momento, Portugal. A Dedicatória é feita no início do poema a D. Sebastião como também no final do poema. O fato de, no princípio e no fim do poema, ele se dirigir à mesma personagem é um elemento de notável unidade na sua estrutura. No entanto, comparando o tom das estrofes que constituem a

dedicatória inicial com aquelas que constituem a encerramento do poema (“Não mais, Musa, não mais...”), percebemos um considerável abaixamento do nível de exaltação e de euforia com que se desencadeia o discurso épico.

6

E vós, ó bem nascida segurança  
Da Lusitana antiga liberdade,  
E não menos certíssima esperança  
De aumento da pequena Cristandade;  
Vós, ó novo temor da Maura lança,  
Maravilha fatal da nossa idade,  
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,  
Para do mundo a Deus dar parte grande;

E vós, ó poderoso rei (D. Sebastião) que sois bem nascida segurança (nascida em boa hora, afortunada) da antiga liberdade lusitana (da independência de Portugal que já tinha cinco séculos) e ainda mais que sois certíssima esperança do aumento da pequena cristandade (esperança de que no reinado futuro de D. Sebastião aumentar-se-á o número de cristãos); vós que sois temor novo para a lança dos mouros; vós, que sois maravilha (pessoa que causa admiração) fatal (providencial) da nossa idade (da nossa época) e dada por Deus ao mundo para que o governe todo e para dar grande parte do mundo a Deus (império universal).

A esperança do poeta em um império universal exercido pelo rei português. O poderoso rei D. Sebastião, essa maravilha, governaria todo o mundo para dar grande parte dele a Deus – para converter à fé cristã grande parte dos povos do mundo.



7

Vós, tenro e novo ramo florescente  
De uma árvore de Cristo mais amada  
Que nenhuma nascida no Ocidente,  
Cesárea ou Cristianíssima chamada;  
(Vede-o no vosso escudo, que presente  
Vos amostra a vitória já passada,  
Na qual vos deu por armas, e deixou  
As que Ele para si na Cruz tomou)

Vós, que sois novo ramo, tenro e florescente (o monarca devia ter doze a treze anos quando Camões escrevia o poema) duma árvore genealógica mais amada por Cristo do que nenhuma outra nascida no ocidente, ainda que seja chamada cesárea ou cristianíssima; - vede-o no vosso escudo, que vos mostra presente a vitória já passada e na qual o próprio Cristo vos deu e deixou por armas (brasão) as que ele, para si, na cruz tomou;

“vede-o no vosso escudo...”

O escudo das armas reais traz à lembrança de D. Sebastião a batalha da vitória de Ourique em que D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, desbaratou cinco reis mouros e da qual, segundo a tradição, resultou consolidar-se a independência do reino. As armas do reino de Portugal eram uma cruz azul em fundo branco. D. Afonso Henriques acrescentou-lhes cinco escudos, lembrando os cinco reis mouros vencidos.

8

Vós, poderoso Rei, cujo alto Império  
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro;  
Vê-o também no meio do Hemisfério,  
E quando desce o deixa derradeiro;  
Vós, que esperamos jugo e vitupério  
Do torpe Ismaelita cavaleiro,  
Do Turco oriental, e do Gentio,  
Que inda bebe o licor do santo rio;

Vós, poderoso rei, cujo alto império o sol vê primeiramente logo que nasce, vê-o também quando está no meio do hemisfério celeste e, por último, deixa-o somente quando desce (quando se esconde); vós que, assim o esperamos, sereis jugo e vitupério (humilhação) do torpe cavaleiro ismaelita (descendentes de Ismael, filho de Abraão e da escrava Agar, que formaram a tribo de que procedia Maomé), do turco ocidental

(os turcos da Ásia que auxiliavam seus correligionários contra os portugueses) e do gentio que ainda bebe o licor (o líquido) do chamado rio santo (os pagãos que habitavam a Índia e que se banhavam no Ganges – grande rio que deságua no golfo de Bengala e que eles supunham “santo”, imaginando que ficavam purificados depois de se banharem nas suas águas”.

9

Inclinai por um pouco a majestade,  
Que nesse tenro gesto vos contemplo,  
Que já se mostra qual na inteira idade,  
Quando subindo ireis ao eterno templo;  
Os olhos da real benignidade  
Ponde no chão: vereis um novo exemplo  
De amor dos pátrios feitos valerosos,  
Em versos divulgado numerosos.

Inclinai, por um pouco, a majestade que de vós contemplo nesse tenro gesto (rosto jovem: o poeta pede ao rei que incline para ele o rosto, em que a majestade se ostenta ocupada em elevados pensamentos), rosto este que já se mostra qual será na vossa inteira idade, quando ireis subindo ao eterno templo (tendes já majestade no rosto como quando fordes subindo ao templo da glória eterna, quando fordes aureolado pelas vossas proezas gloriosas); ponde no chão os olhos da vossa real benignidade (pede ao rei para que, do alto do trono, baixe benignamente os olhos para o lugar inferior que está ocupando o poeta); vereis, em mim, um novo exemplo de amor dos valorosos feitos pátrios (tais quais fizeram os poetas no passado) – amor divulgado em numerosos versos.

10

Vereis amor da pátria, não movido  
De prêmio vil, mas alto e quase eterno:  
Que não é prêmio vil ser conhecido  
Por um pregão do ninho meu paterno.  
Ouvi: vereis o nome engrandecido  
Daqueles de quem sois senhor superno,  
E julgareis qual é mais excelente,  
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

Vereis, o meu amor da pátria nesse poema que escrevi, movido, não de prêmio vil, baixo, mesquinho, mas prêmio alto, elevado, digno, quase eterno, pois não é vil prêmio ser eu conhecido por um pregão (brado) do meu ninho pátrio (minha pátria). Ouvi: nos meus versos vereis engrandecido o nome daqueles portugueses de quem sois supremo senhor; e julgareis qual é mais excelente, se ser rei no mundo ou se ser rei de tal gente.

Afirma o poeta ao rei D. Sebastião que, escrevendo os Lusíadas, não foi incitado pela esperança de obter quaisquer dádivas humanas – todas seriam mesquinhas. O que ele deseja é a glória de ser conhecido pelas gerações futuras por ter louvado altamente, e com justiça, os atos heróicos praticados pelos portugueses. O rei, lendo o poema, vai se convencer das virtudes dos seus súditos e vai se ufanar mais de ser deles o rei do que se fosse rei do resto do mundo.

18

Mas enquanto este tempo passa lento  
De regerdes os povos, que o desejam,  
Dai vós favor ao novo atrevimento,  
Para que estes meus versos vossos sejam;  
E vereis ir cortando o salso argento  
Os vossos Argonautas, por que vejam  
Que são vistos de vós no mar irado,  
E costumai-vos já a ser invocado.

Mas, enquanto passa lentamente esse tempo em que vos contemplam esperançosos até que seja chegado o tempo de regerdes os vossos povos que o desejam, - dai vós favor ao meu novo atrevimento (mais este arrojado: o de escrever uma epopéia), para que estes meus versos sejam vossos (para que o rei aceite a oferta); e, aceitando-os e lendo-os, vereis neles os vossos argonautas ir cortando o salso argento (superfície prateada do mar) para que esses navegadores vejam que são vistos por vós no mar irado (mar tempestuoso); e com essa leitura, costumai-vos já (antes de tomardes o governo) a ser invocado por quem está no céu (vejam os navegadores portugueses lá da olímpica morada, que o rei os

aprecia pela coragem com que lutaram contra os mares revoltos, e hão de falar nele em seu louvor).

## NARRAÇÃO

A **Narração** começa com as naus já lançadas em alto-mar; é um dos quadros mais belos da epopéia. Tudo aí respira tranqüilidade e grandeza. O assunto de “Os Lusíadas” é a descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama, como o acontecimento culminante da história de Portugal. A narração iniciada na estrofe 19 do canto I, começa já depois de passado o Cabo da Boa Esperança, isto é, depois de mais de metade da ação geográfica já efetuada. O tempo da ação situa-se 1498 (data histórica do Descobrimento da Índia por mar, pela armada de Vasco da Gama). Três são os tempos:

1. Fatos anteriores a essa data (passado).
2. Fatos contemporâneos a essa data (presente).
3. Fatos posteriores a essa data (futuro).

Os fatos passados são apresentados pela analepse e correspondem a duas grandes narrativas: a de Vasco da Gama ao Rei de Melinde (Cantos III e IV), e a de Paulo da Gama ao Catual (Canto VIII).

Os fatos presentes referem-se a viagem de Moçambique à Índia e da Índia à Portugal.

Os fatos futuros são apresentados pela prolepse, sobe a forma de profecias e sonhos: de Júpiter a Vênus (Canto II); Sonho de D. Manuel (Canto IV); do Adamastor a Vasco da Gama (Canto V); da Ninfa e de Tetís a Vasco da Gama na Ilha dos Amores (Canto X).

São vários os episódios que encontramos em “Os Lusíadas”:

**Mitológicos** – Concílio dos Deuses no Olimpo (I, 20-41) e Concílio dos Deuses Marinhos (VI, 19-36).

**Bélicos** - Batalha de Ourique (III, 42-54), Batalha de Salado (III, 107-117) e Batalha de Aljubarrota (IV, 28-44).

**Líricos** - A formosíssima Maria (III, 102-106), Morte de Inês de Castro (III, 118-135) e A despedida do Restelo (IV, 89-93).

**Naturalistas** - Descoberta do Cruzeiro do Sul (V, 14), Fogo da Santelmo (V, 18), Tromba Marítima (V, 18-22), Escorbuto (V, 81-83) e Tempestade (VI, 70-91).

**Simbólicos** - Sonho Profético de D. Manoel (IV, 67-75), Velho do Restelo (IV, 94-104), Adamastor (V, 37-60) e Ilha dos Amores (IX, 51-92).

**Humorístico** - Fernão Veloso (V, 30-36).

**Cavalheiresco** - Os doze de Inglaterra (VI, 43-69).

19

Já no largo Oceano navegavam,  
As inquietas ondas apartando;  
Os ventos brandamente respiravam,  
Das naus as velas côncavas inchando;  
Da branca escuma os mares se mostravam  
Cobertos, onde as proas vão cortando  
As marítimas águas consagradas,  
Que do gado de Próteo são cortadas

**CANTO I**

Os vossos argonautas navegavam já no largo oceano Índico (largo pela extensão e largo por estar em alto mar), apartando as inquietas ondas; os ventos respiravam brandamente (sopravam), inchando (enfunando, enchendo) as côncavas velas das naus portuguesas; mostravam-se cobertas de branca espuma os mares (as embarcações, caminhando com velocidade, vão deixando atrás de si extensa esteira de espuma luminosa e branca) onde as proas iam cortando as marítimas águas, consagradas a Netuno e cortadas pelo gado de Próteo (as águas habitadas pelos peixes). Próteo, deus marinho, filho de Netuno, exercia poder sobre os habitantes das águas). As focas que aparecem à superfície em cardume, vistos a distância, dão idéia de rebanhos de gado.

## EPÍLOGO

O **Epílogo** de "*Os Lusíadas*" é uma lamentosa e pungente censura à decadência do país; canto X, estrofe 145. Camões lamenta perante a Musa (Calíope) a inutilidade de seu canto, face à indiferença da sociedade do seu tempo ("gente surda e endurecida"), afogada que está "no gosto da cobiça e na rudeza/De uma austera, apagada e vil tristeza". Camões dirige-se ao novo Rei, última esperança de regeneração da pátria, aconselha-o a favorecer todos aqueles que estejam dispostos a servir desinteressadamente e conclui a sua obra, oferecendo-se para cantar os feitos que D. Sebastião venha a praticar na África. É o final do poema.

Não mais, Musa, não mais, que a Lira tenho  
 Destemperada e a voz enrouquecida,  
 E não do canto, mas de ver que venho  
 Cantar a gente surda e endurecida.  
 O favor com que mais se acende o engenho  
 Não no dá a pátria, não, que está metida  
 No gosto da cobiça e na rudeza  
 De uma austera, apagada e vil tristeza.

### **CANTO X**

Não mais, Musa, (deusa inspiradora da poesia), não mais que a lira tenho destemperada (lira desafinada) e a voz enrouquecida, e não do canto (não é de declamar ou escrever) mas de ver que venho cantar à gente surda (insensível) e endurecida (indiferente). A pátria não dá o favor (o empenho) com que mais se acende (inflama) o engenho (gênio, capacidade intelectual), porque ela está metida (mergulhada) no gosto da cobiça (ambição) e na rudeza (rispidez) de uma austera, (rígida), apagada (abatida) e vil (desprezível) tristeza.

“Não mais, Musa, não mais...”

O verso inicia a conclusão do poema e traduz o desencanto face à decadência da Pátria, que contrasta flagrantemente com a grandeza que acaba de cantar. Eram os anos terríveis do reinado efêmero de D. Sebastião, desaparecido em Alcácer –Quibir, em 1578, com 24 anos de idade. Lembremos que a Santa Inquisição, introduzida em Portugal em 1536, está no auge na época da publicação de “Os Lusíadas” – 1572. A Inquisição, só em Portugal, queimou 1.500 pessoas e condenou, a outras penas, mais de 25.000. Ignora-se o número das que morreram nos cárceres. Em 1580, já decadente, Portugal passa ao domínio espanhol. No mesmo ano, antes de sua morte, em 10 de junho de 1580, Camões escreve a um amigo: “Não satisfeito em voltar para morrer na pátria, morro com ela”.

## EPISÓDIOS FAMOSOS

### O Bicho da Terra.

#### Canto I – 105 e 106.

“Ego autem vermis et non homo”. Aqui está o pensamento de David, expresso em seu salmo: “Eu verme da terra e não homem”. Salmo XXI – 7. Estas duas estrofes constituem o primeiro grande exemplo das chamadas “Considerações pessoais do poeta”. O poeta faz uma reflexão sobre a fragilidade da vida humana. O que motiva o poeta é a traição. Quando a esquadra de Vasco da Gama chega a Mombaça, é traído pelo falso piloto que o conduziu até aquela costa Africana, com o propósito de destruir a armada, conforme o plano antes traçado por Baco. Podemos dividir ambas as estrofes em três momentos. **Introdução:** (Os quatro primeiros versos) em que o poeta invoca a oposição entre o “recado de amigos” e o “veneno” dos pensamentos dos mouros. **Generalização:** (Os oito versos que seguem) em que aquela traição é generalizada, universalizada, própria do gênero humano. Caráter trágico da condição humana. **Conclusão:** (Os quatro versos finais) em que se constata nunca poder o homem encontrar um lugar seguro, dada a sua condição de frágil “bicho da terra tão pequeno”.

105

O recado que trazem é de amigos,  
Mas debaixo o veneno vem coberto;  
Que os pensamentos eram de inimigos,  
Segundo foi o engano descoberto.  
Ó grandes e gravíssimos perigos!  
Ó caminho de vida nunca certo:  
Que aonde a gente põe sua esperança,  
Tenha a vida tão pouca segurança!



O recado, que trazem aqueles homens dos batéis, é de amigo; mas, debaixo desse recado, vem encoberto o veneno (a perfídia); pois os pensamentos (as intenções) eram de inimigos, segundo veio a saber-se, quando a traição foi descoberta. Oh! Grandes e gravíssimos são os perigos, a que a humanidade anda exposta! Oh! Nunca é seguro o caminho da vida (o destino de cada homem)! É para lastimar que, onde a gente põe a sua esperança, tenha a vida tão pouca segurança (no lugar para onde nos encaminhamos com maior segurança e na esperança de alcançar felicidade, é justamente aí que às vezes recebemos os maiores danos).

106

No mar tanta tormenta e tanto dano!  
Tantas vezes a morte apercebida!  
Na terra tanta guerra, tanto engano,  
Tanta necessidade aborrecida!  
Onde pode acolher-se um fraco humano,  
Onde terá segura a curta vida,  
Que não se arme e se indigne o Céu sereno  
Contra um bicho da terra tão pequeno?

No mar existe tanta tormenta e tanto dano, e aí a morte é tantas vezes preparada. Na terra, existe tanta guerra, existe tanto engano (perfídia), existe tanta necessidade aborrecida (tantas privações odiosas). Onde pode acolher-se (refugiar-se) um fraco ente humano? Onde terá esta segura a curta vida; que lugar haverá em que o sereno Céu não se arme e não se indigne contra o homem que é um bicho da terra tão pequeno? (deve entender-se que a providência, apesar de benigna por natureza, é severa com a humanidade).

## **A Ditosa Pátria Minha Amada.**

### **Canto III – 20 e 21.**

Predomina, na estrofe 20, a descrição geográfica. Localiza o poeta, como se apontasse no mapa, seu país muito amado. Quase no cume da cabeça da Europa onde a terra acaba e o sol morre no Atlântico. Também, na mesma estrofe, define o poeta um traço essencial de seu destino histórico: a luta vitoriosa contra os mouros, tanto dentro de Portugal, como no próprio território Africano.

Predomina, na estrofe 21, a lembrança saudosa da Pátria. A Pátria é o lugar onde desejaria vir morrer depois de cumprida a missão da descoberta do caminho marítimo para a Índia. Também na mesma estrofe, o poeta inicia a história das origens de Portugal, mostrando a origem da palavra Lusitânia. Luso ou Lisa eram filhos de Baco o foram seus companheiros na fundação da Lusitânia.

20

"Eis aqui, quase cume da cabeça  
De Europa toda, o Reino Lusitano,  
Onde a terra se acaba e o mar começa,  
E onde Febo repousa no Oceano.  
Este quis o Céu justo que floresça  
Nas armas contra o torpe Mauritano,  
Deitando-o de si fora; e lá na ardente  
África estar quieto o não consente.

Eis aqui, quase no cume da cabeça de toda a Europa, o reino Lusitano; está onde se acaba a terra e onde começa o mar, e onde Febo (o sol) repousa no oceano (no Ocidente da Europa; nas praias de Portugal, a quem olha para o Ocidente, ao pôr do sol, parece-lhe que este mergulha

no mar); quis o justo céu (a providência divina) que este reino florescesse nas armas (tenha sido feliz na guerra) contra o desonesto Mauritano, expulsando-o, e lá mesmo, na Mauritânia, que está na ardente África, não o consente estar tranqüilo (os Portugueses iam guerrear os mouros em terras de África).

21

"Esta é a ditosa pátria minha amada,  
A qual se o Céu me dá que eu sem perigo  
Torne, com esta empresa já acabada,  
Acabe-se esta luz ali comigo.  
Esta foi Lusitânia, derivada  
De Luso, ou Lisa, que de Baco antigo  
Filhos foram, parece, ou companheiros,  
E nela então os Íncolas primeiros.

Esta terra Portuguesa é a ditosa Pátria, minha amada; se o céu me permite que eu torne a ela, sem perigo e com minha empresa já acabada (o empreendimento e descobrir o caminho para as Índias), acabe-se esta luz (esta vida) ali comigo (terei morte feliz prestando tal serviço à minha Pátria). Esta terra foi chamada antigamente Lusitânia, palavra derivada de Luso ou Lísias que, parece, foram filhos ou companheiros de Baco antigo e foram nela os primeiros íncolas (habitantes).

## **Batalha de Ourique.**

### **Canto III – 42 a 54.**

Local, Beja, Portugal, em que se deu, em 1139, a batalha em que D. Afonso Henriques derrotou os mouros. D. Afonso I ou D. Afonso Henriques foi o primeiro Rei de Portugal. Ameaçado pelos mouros, que tinham invadido o território do Condado, correu a atacá-los e destroçou-os na batalha de Ourique. Faleceu em 1185, tendo reinado 57 anos. Jaz na Igreja de Santa Cruz de Coimbra em mausoléu monumental, feito no tempo de D. Manuel I. Era político tão astuto como guerreiro denodado. Seu nome infundia respeito aos mouros que o chamavam Ibn-Errik.

A batalha de Ourique, como está tratada n' Os Lusíadas, figura o momento da Independência Nacional. A vitória sobre os mouros tornou-se a aurora do Estado Português. Podemos dividir o episódio em cinco fases: A desproporção entre as forças mouras e Portuguesas (estrofes 42 a 44). O aparecimento de Cristo a Afonso (estrofe 45). A aclamação de D. Afonso Henriques como Rei de Portugal (estrofe 46). A descrição da batalha (estrofes 47 a 52). A narração da vitória dos Portugueses e a pintura das armas de Portugal (estrofes 53 e 54).

42

Mas já o Príncipe Afonso aparelhava  
O Lusitano exército ditoso,  
Contra o Mouro que as terras habitava  
D'além do claro Tejo deleitoso;  
Já no campo de Ourique se assentava  
O arraial soberbo e belicoso,  
Defronte do inimigo Sarraceno,  
Posto que em força e gente tão pequeno.

Mas o Príncipe Afonso preparava já o feliz exército Lusitano contra o mouro que habitava as terras de além do claro Tejo deleitoso. No campo de Ourique, defronte do inimigo sarraceno, assentava-se o soberbo e belicoso arraial (acampamento) dos Portugueses, posto que fosse tão pequeno em força e gente.

43

"Em nenhuma outra coisa confiado,  
Senão no sumo Deus, que o Céu regia,  
Que tão pouco era o povo batizado,  
Que para um só cem Mouros haveria.  
Julga qualquer juízo sossegado  
Por mais temeridade que ousadia,  
Cometer um tamanho ajuntamento,  
Que para um cavaleiro houvesse cento.

Não estava confiado o príncipe em nenhuma outra coisa senão no Sumo Deus que rege o Céu, pois o povo batizado (o exército Cristão) era tão pequeno, que haveria cem mouros contra um só Português. Qualquer pessoa de opinião refletida julgaria a cometer ao príncipe, mais por temeridade do que por ousadia, um ajuntamento de inimigos tamanho em que houvesse um cento de sarracenos para cada um cavaleiro Lusitano.

44

"Cinco Reis Mouros são os inimigos,  
Dos quais o principal Ismar se chama;  
Todos experimentados nos perigos  
Da guerra, onde se alcança a ilustre fama.  
Seguem guerreiras damas seus amigos,  
Imitando a formosa e forte Dama,  
De quem tanto os Troianos se ajudaram,  
E as que o Termodonte já gostaram.

Os inimigos são cinco Reis mouros, dos quais o principal se chama Ismar, todos experientes nos perigos da guerra onde se alcança a fama gloriosa. Guerreiras damas seguem os seus amigos, imitando Penthesilea (Rainha fabulosa que ajudou a combater os Gregos no cerco de Tróia), a formosa e forte dama por quem os Troianos foram ajudados e imitando as damas que beberam as águas desse rio

45

"A matutina luz serena e fria,  
As estrelas do Pólo já apartava,  
Quando na Cruz o Filho de Maria,  
Amostrando-se a Afonso, o animava.  
Ele, adorando quem lhe aparecia,  
Na Fé todo inflamado assim gritava:  
- "Aos infiéis, Senhor, aos infiéis,  
E não a mim, que creio o que podeis!"

A matutina luz (luz da madrugada), serena e fria, afastava já do pólo as estrelas (sumia, ia fazendo desaparecer do céu a luz das estrelas), quando

o Filho de Maria, mostrando-se na cruz à Afonso, o animava. Ele, adorando a quem lhe aparecia, e todo inflamado na fé, gritava assim: - Aos infiéis, senhor! Aos infiéis e não apareça a mim que creio o que podeis.

Esta estrofe é o exemplo mais expressivo do humanismo renascentista. O poeta põe na boca de Afonso expressões que denotam o seguinte: Senhor, mostrai-vos aos mouros, para que, vendo-os, tenham fé e abandonem seu falsa religião. Ou ainda, o vosso aparecimento para mim não é necessário, porque já tenho a crença no vosso poder divino. Como também, Senhor, estou ocupado, preparando-me para a batalha; ide mostrar-vos aos inimigos. Da mesma maneira, Senhor, já tenho a força que Deus deu os homem, no momento da criação; saberei usá-la contra os infiéis; não preciso de vós. Enfim, Senhor, a batalha aproxima-se; estou pronto para ela; ide converter os inimigos; com vossa licença, sei o que faço. É este o pensamento que o poeta finge ter expresso sumariamente por Afonso Henriques naquelas poucas palavras, subentendendo-se todas as que ficaram ocultas por elipse. O poeta fantasia um fato histórico para expor suas idéias. O rei preferiu individuação á segurança; aventura à certeza; lóbrega jornada ao confortável colo materno; renascimento à idade media das trevas; racionalismo ao fundamentalismo religioso da idade média ; ser ao não ser.

46

"Com tal milagre os ânimos da gente  
Portuguesa inflamados, levantavam  
Por seu Rei natural este excelente  
Príncipe, que do peito tanto amavam;  
E diante do exército potente  
Dos inimigos, gritando o céu tocavam,  
Dizendo em alta voz: — "Real, real,  
Por Afonso alto Rei de Portugal."

Inflamados os ânimos da gente Portuguesa com tal milagre, os Portugueses levantaram por seu natural rei a este excelente príncipe que amavam tanto do peito (aclamaram como sendo natural, como sendo justo que fosse eleito), e diante do potente exército dos inimigos, tocaram o céu (faziam aclamações em tão alta vozes que estas chegavam ao céu), gritando, dizendo em voz alta: Real! Real, por Afonso, alto Rei de Portugal.

52

"Cabeças pelo campo vão saltando,  
Braços, pernas, sem dono e sem sentido;  
E de outros as entranhas palpitando,  
Pálida a cor, o gesto amortecido.  
Já perde o campo o exército nefando;  
Correm rios de sangue desparzido,  
Com que também do campo a cor se perde,  
Tornado carmesim de branco e verde.



Pelo campo vão soltando cabeças, braços e pernas, sem sentido (sem vida) e sem dono (sem tronco); e vão palpitando as entranhas de outros que tem amortecido o gesto (o rosto) e pálida a cor. O nefando (abominável) exército dos mouros já perde o campo (perde terreno, recua); correm rios de sangue desparzido (derramado), com que também se perde a cor do campo (o verde ficou tingido de sangue), tornando, de branco e verde, aquilo que era da cor de carmesim (vermelho).

53

"Já fica vencedor o Lusitano,  
Recolhendo os troféus e presa rica;  
Desbaratado e roto o Mauro Hispano,  
Três dias o grão Rei no campo fica.  
Aqui pinta no branco escudo ufano,  
Que agora esta vitória certifica,  
Cinco escudos azuis esclarecidos,  
Em sinal destes cinco Reis vencidos.

Já o Rei Lusitano fica vencedor, recolhendo os troféus e presa rica (bandeiras e armas do inimigo, ouros despojos de batalha, os mantimentos, munições, objetos de uso pessoal dos combatentes). Estando desbaratado e roto o exército mauro-hispano, fica o grande rei, por três dias, no campo; e aqui, neste campo, pinta no branco e glorioso escudo, que certifica esta vitória agora, cinco gloriosos escudos azuis, em sinal destes cinco reis vencidos. (Era costume, depois de uma peleja, ficar o vencedor no campo durante três dias, como que para demonstrar que ficava senhor do terreno).

"E nestes cinco escudos pinta os trinta  
Dinheiros por que Deus fora vendido,  
Escrevendo a memória em vária tinta,  
Daquele de quem foi favorecido.  
Em cada um dos cinco, cinco pinta,  
Porque assim fica o número cumprido,  
Contando duas vezes o do meio,  
Dos cinco azuis, que em cruz pintando veio.

E, nestes cinco escudos, pinta os trinta dinheiros (os trinta dinheiros pelos quais Judas vendeu Cristo), por que Deus fora vendido, escrevendo assim em diversa tinta, a memória de Jesus Cristo por quem foi favorecido (o milagre). Em cada um dos cinco escudos, pinta cinco dinheiros, porque assim fica completo o número dos trinta, contando duas vezes o do meio dos cinco escudos azuis, que veio pintando em cruz. (O brasão tinha sobre fundo branco a cruz azul; agora tem cinco escudos e sobre cada um destes, os cinco dinheiros, estes em diferente cor).

## **Fermosíssima Maria.**

### **Canto III - 102 a 106.**

Em 1336, o Rei de Marrocos, Abul-Haçam, organizou um grande exército e ele próprio comandou uma invasão da Península Ibérica. Como o Rei de Castela receava a grande força dos mouros, resolveu pedir auxílio ao Rei de Portugal, que, apesar de ser seu sogro, não andava em boas relações com ele. É então que envia a Portugal sua mulher, filha de D. Afonso IV, a suplicar ao pai que vá em socorro de Castela. Dá-se a batalha do Salado, onde D. Afonso IV se enche de glória, ganhando o sobrenome de "O Bravo". Vamos dividir o episódio em dois momentos. O primeiro, a **Introdução:** em que o poeta narra a entrada de Maria no paço de seu pai D. Afonso IV. O poeta tem logo a intenção de impressionar ao assinalar o ambiente de fausto e grandeza em que Maria entrava: "pelos maternais paços sublimados". Há, depois, a descrição de Maria em toda a sua beleza e dignidade. Para tanto, o poeta se serve de adjetivos expressivos, ao mesmo tempo que vai apontando as atitudes graves e dignas da princesa: "fermosíssima Maria, lindo o gesto, mas fora de alegria, seus olhos em lágrima banhados, os cabelos angélicos pelos ebúrneos ombros espalhados, diante do pai ledó...". Note o contraste entre a alegria do pai (pai ledó) e a tristeza da filha (chorando). A gravidade e tristeza de Maria está patente, desde logo, na expressão "lindo gesto, mas fora de alegria"... em que o contraste entre a beleza do rosto e a sua tristeza mais serve para realçar a própria tristeza (é mais impressionante a tristeza num rosto belo). Note-se também a antítese entre "cabelos angélicos" que apontam para a tranqüilidade pacífica e "espalhados" que denunciam agitação dramática. Mas é nas lágrimas que a tristeza mais claramente se revela: "seus olhos em lágrimas banhados, chorando". Note-se a repetição da mesma idéia por diferentes palavras e a sugestão de continuidade e persistência dessas lágrimas, dada pelo aspecto

durativo do gerúndio “chorando”. Vamos ler, então, na estrofe 102, a Fermosíssima Maria entrando no palácio do seu pai, D. Afonso IV.

102

"Entrava a formosíssima Maria  
Pelos paternais paços sublimados,  
Lindo o gesto, mas fora de alegria,  
E seus olhos em lágrimas banhados.  
Os cabelos angélicos trazia  
Pelos ebúrneos ombros espalhados:  
Diante do pai ledo, que a agasalha,  
Estas palavras tais, chorando, espalha:

Entrou a formosíssima Maria pelos suntuosos palácios paternais (os paços de Évora, realmente suntuosos); lindo era o seu rosto mas sem alegria; e o seus olhos estavam banhados em lágrimas; trazia os angélicos cabelos espalhados pelos ombros da cor do marfim. Apresentando-se diante o ledo pai, que a sua filha agasalha e acaricia, profere, chorando estas palavras:

O segundo momento, estrofes 103, 104 e 105, é constituído pelo **Discurso** da formosíssima Maria. Na estrofe 103, lembra a ferocidade do povo invasor. Note-se a ênfase dada ao poderio do rei inimigo, a expressividade do verbo “possuir”, que sugere mais sucesso dos inimigos do que “invadir” ou “atacar”.

- "Quantos povos a terra produziu  
De África toda, gente fera e estranha,  
O grão Rei de Marrocos conduziu,  
Para vir possuir a nobre Espanha:  
Poder tamanho junto não se viu,  
Depois que o salso mar a terra banha.  
Trazem ferocidade, e furor tanto,  
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

O grande Rei de Marrocos, para conquistar a nobre Espanha, trouxe quantos povos produziu a terra de toda África (hipérbole), gente implacável e desconhecida; não se viu nunca junto tamanho poder, desde que o salgado mar banha a terra. Os mouros trazem tanta ferocidade e furor tanto, que fazem medo a vivos e espanto a mortos (o Rei de Marrocos, Abul-Haçam, trazia 60.000 cavaleiros e 400.000 peões, segundo as crônicas da época).

A fermosíssima Maria continua seu discurso com a finalidade de convencer o pai. Responsabiliza o pai pelo seu casamento, inculcando-lhe a obrigação moral de vir em auxílio do marido. Ela insiste em sua possível e iminente desventura. "Viúva e triste posta em vida escura, Sem marido, Sem reino e Sem ventura". Note-se a antítese entre o pequeno poder do marido e o grande poderio dos mouros.

- "Aquele que me deste por marido,  
Por defender sua terra amedrontada,  
Com o pequeno poder, oferecido  
Ao duro golpe está da Maura espada;  
E se não for contigo socorrido,  
Ver-me-ás dele e do Reino ser privada,  
Viúva e triste, e posta em vida escura,  
Sem marido, sem Reino, e sem ventura.

Aquele que me deste por marido, (por obediência aceitei), por defender sua terra amedrontada, está, com seu pequeno exército exposto aos cruéis golpes da Maura espada; e, se não for socorrido por ti, ver-me-ás privada dele e privada do reino de Castela; ver-me-ás viúva e triste e posta em escura vida, sem marido, sem reino e sem ventura (alude-se ao antigo costume as damas nobres que, enviuvando, passavam meses e até o resto da vida encerradas em casa de janelas fechadas, às escuras).

Na estrofe 105, Maria procura tocar o pai, ora apelando para a sua vaidade e desejo de glória (de quem com puro medo o corrente Muluca se congela), ora, despertando nele o seu amor de pai (este gesto de pai, o verdadeiro amor assela, açude e corre, pai, que, se não corres, pode ser que não aches quem socorres).

"Portanto, ó Rei, de quem com puro medo  
O corrente Muluca se congela,  
Rompe toda a tardança, acude cedo  
À miseranda gente de Castela.  
Se esse gesto, que mostras claro e ledado,  
De pai o verdadeiro amor assela,  
Acude e corre, pai, que se não corres,  
Pode ser que não aches quem socorres."

Portanto, ó rei de quem com puro medo se congela o Muluca (alusão às vitórias alcançadas pelos Portugueses sobre os mouros nas proximidades de Muluca), esse corrente rio rompe toda a demora; acode depressa à miseranda gente de Castela. Pai, se este semblante que me mostras franco e alegre confirma o verdadeiro amor de pai, acode a tua filha suplicante e corre, pois, se não corres, pode ser que não aches quem socorres (o auxílio tardio seria ineficaz).

## **Inês de Castro.**

### **CANTO III – estrofes 118 a 135.**

Texto de rara beleza e excepcional força poética. Inês, de origem espanhola, une-se secretamente ao príncipe D. Pedro, filho de D. Afonso IV. Na ausência do esposo, Inês é assassinada sob o pretexto de evitar sua ascensão ao trono. Narra a lenda que D. Pedro, já rei, exumou o cadáver de Inês e coroou-a rainha de Portugal: “Mísera e mesquinha que depois de morta foi rainha”. Vasco da Gama conta ao rei de Melinde no canto III, estrofes 118 a 135, a tragédia de Inês de Castro:

D. Pedro casou-se com Dona Constança de Castela, mas Inês de Castro freqüentava o paço. Logo que a amizade de D. Pedro por esta Senhora se tornou objeto de escândalo, ela foi expulsa e proibida de voltar a Portugal. D. Pedro faz Inês regressar a Portugal, instalando-a em Coimbra, nos Paços de Santa Clara. Vieram os filhos bastardos. Os fidalgos portugueses apontavam o perigo do domínio castelhano. Convencem D. Afonso IV a mandar matar Inês, por razões de Estado. O Rei hesita, mas finalmente Inês é degolada em Coimbra.

- São nítidas, neste episódio, algumas características da tragédia clássica:

- A ação é verdadeiramente trágica, atingindo o seu ponto culminante com a morte da protagonista.

- Surgem ao longo da ação os sentimentos fundamentais da tragédia: o terror e a piedade. O terror é sugerido por certas expressões: horríficos, algozes, ferozes, morte crua, duros ministros rigorosos, avô cruel, morte escura, peitos carniceiros, brutos matadores, se encarniçavam fúridos e irosos. A piedade é suscitada sobretudo pela brusca transição de uma felicidade despreocupada para uma desgraça inesperada; pela



desproporção de forças entre uma fraca dama delicada e os brutos matadores; pela injustiça de um castigo duro em relação a uma dama inocente; pelo contraste entre a atitude de homens que, como cavaleiros, deviam ser humanos; pelas contínuas intervenções do poeta em exclamações dolorosas e comentários favoráveis a Dona Inês, sobretudo nas últimas 3 estrofes, salientado-se a comparação com a bonina, cândida e bela e o lamento das filhas de Mondego.

- Respeita-se a lei das três unidades clássicas: ação (assassinato), espaço (Coimbra), tempo (duração de um dia).

- A intervenção do destino e da fatalidade é evidente nas expressões: "naquele engano da alma, ledo e cego / que a fortuna não deixa durar muito" (121), "pertinaz povo e seu destino" (130).

**PRIMEIRA PARTE** (118 e 119) constitui uma introdução:

a) Circunstâncias em que se operou este "caso triste e digno de memória"

(118).

b) Poetização da causa da morte de Inês: "só tu, fero Amor , áspero e tirano, deste causa à molesta morte sua" (119).

118

"Passada esta tão próspera vitória,  
Tornando Afonso à Lusitana terra,  
A se lograr da paz com tanta glória  
Quanta soube ganhar na dura guerra,  
O caso triste, e digno da memória,  
Que do sepulcro os homens desenterra,  
Aconteceu da mísera e mesquinha  
Que depois de ser morta foi Rainha.

Passada esta tão próspera vitória (a batalha de Salado – 1340), tendo Afonso IV tornado à terra Lusitana, gozando a paz com tanta glória quanto soube ganhar na cruel guerra, aconteceu o triste caso e digno de

memória, que desenterra os homens do sepulcro (Inês e Pedro vivem na memória das gerações subseqüentes), o caso da mísera e desditosa Inês, que depois de ser morta foi rainha.

O poeta nos apresenta um incidente romântico que termina em uma trágica atrocidade. O príncipe D. Pedro estava viúvo da princesa D. Constança e apaixonado por D. Inês de Castro, de nobre família de Castela de quem tivera três filhos. Aconselhada pelo pai para casar-se com alguma princesa estrangeira, o príncipe recusava o conselho, alegando estar casado ocultamente com D. Inês, sem querer declará-lo de modo formal. Alguns cortesões e ministros amedrontavam Afonso IV, dizendo-lhe que a Espanha teria interesse que o filho de D. Inês ocupasse o trono. Desse modo incitavam D. Afonso a que a mandasse matar. O rei anuiu, e três cortesões praticaram a enormíssima atrocidade de assassinar a amante de D. Pedro. Foram eles Álvaro Gonçalves, Pedro Coelho e Lopes Pacheco. Quando morreu D. Afonso IV (1357), D. Pedro, subindo ao trono, cuidou logo de punir os assassinos. De Castela obteve a entrega de dois dos criminosos que mandou torturar lentamente até morrerem. O terceiro fugiu para a Inglaterra. Três anos depois, mandou D. Pedro desenterrar o cadáver de D. Inês, colocou-a em um trono e ordenou às pessoas da corte que lhe beijassem a mão como sendo rainha.

119

"Tu só, tu, puro Amor, com força crua,  
Que os corações humanos tanto obriga,  
Deste causa à molesta morte sua,  
Como se fora pérfida inimiga.  
Se dizem, fero Amor, que a sede tua  
Nem com lágrimas tristes se mitiga,  
É porque queres, áspero e tirano,  
Tuas aras banhar em sangue humano.

Ó amor puro! Tu com dura e rígida força que tens e que tanto subjulga os corações humanos – só tu é que deste causa a sua morte funesta, como se essa dama fora tua traiçoeira inimiga. Ó feroz amor! Se dizem que a tua sede nem com tristes lágrimas se mitiga, é porque tu,

cruel e tirano, queres banhar os teus altares com sangue humano.

A estrofe 119 apresenta-nos o Amor personificado como causa, não só deste "caso triste", mas também de todos os males. Assim, o poeta dirige-se ao amor personificado, caracterizando-o antiteticamente: "tu, só tu, puro amor, com força crua / que os corações humanos tanto obriga, / deste causa à molesta morte sua / ... áspero e tirano...". Por um lado, o Amor é puro, atrai irresistivelmente o coração humano, mas por outro lado, age com força crua, é fero amor, áspero e tirano. Por meio desta linguagem antitética, o poeta pretendeu apresentar o amor como um sentimento contraditório, que sempre seduz (que os corações humanos tanto obriga), mas sempre pronto a gerar as maiores tragédias (tuas aras banhar-se em sangue humano)

**SEGUNDA PARTE** (120 e 121): Vida feliz e despreocupada de Inês em Coimbra apenas um pouco triste pela saudade do príncipe quando ausente.

120

"Estavas, linda Inês, posta em sossego,  
De teus anos colhendo doce fruto,  
Naquele engano da alma, ledo e cego,  
Que a fortuna não deixa durar muito,  
Nos saudosos campos do Mondego,  
De teus fermosos olhos nunca enxuto,  
Aos montes ensinando e às ervinhas  
O nome que no peito escrito tinhas.

Estavas, linda Inês, tranqüilamente em sua soledade, naquele engano da alma, feliz e cego (cego porque não vê nem prevê o que irá acontecer), que a sorte não deixa durar muito, colhendo o doce fruto (os frutos da idade, os encantos da mocidade, o amor do amante e o dos filhos) dos teus anos nos saudosos campos do Mondego nunca enxuto por causa das lágrimas de teus formosos olhos (as lágrimas de Inês foram tantas que encheram o Mondego. Este nunca chega a ficar enxuto), e ensinando aos montes e às ervinhas o nome que tinhas escrito no coração (Quando estava só, Inês

repetia tanto o nome gravado no pensamento e no coração que as maiores e as mínimas coisas - os montes e as ervinhas - sabiam de cor o nome de seu Pedro.

121

"Do teu Príncipe ali te respondiam  
As lembranças que na alma lhe moravam,  
Que sempre ante seus olhos te traziam,  
Quando dos teus formosos se apartavam:  
De noite em doces sonhos, que mentiam,  
De dia em pensamentos, que voavam.  
E quanto enfim cuidava, e quanto via,  
Eram tudo memórias de alegria.

Ali, nesses saudosos campos de Mondego, respondiam-te às tuas saudades as lembranças do seu Príncipe - as lembranças que lhe moravam na alma e que sempre te traziam ante os seus olhos quando estes se apartavam dos teus formosos, lembranças que lhe tinha da tua imagem; de noite em doces sonhos que mentiam e de dia em pensamentos que voavam. E, enfim, tudo quanto ele imaginava e tudo quanto ele via, todos os seus pensamentos em ti eram memórias de alegria (recordações passadas em teu convívio).

Nas estrofes 120 e 121, o poeta apresenta-nos a figura de Inês, linda, jovem, apaixonada e saudosa, o que é sugerido pelos seguintes adjetivos e expressões: linda Inês, de teus anos colhendo doce fruto, naquele engano de alma ledado e cego, doces sonhos que mentiam (notar a antítese entre os sonhos que eram doces, mas mentiam). Essas duas estrofes dão-nos ainda a imagem de uma mulher apaixonada e feliz, embora essa felicidade fosse prejudicada pela saudade do príncipe, tantas vezes ausente.

**TERCEIRA PARTE** (122 e 123): Breve exposição de algumas razões que determinaram a morte de Inês.

122

"De outras belas senhoras e Princesas  
Os desejados tálamos enjeita,  
Que tudo enfim, tu, puro amor, despreza,  
Quando um gesto suave te sujeita.  
Vendo estas namoradas estranhezas  
O velho pai sesudo, que respeita  
O murmurar do povo, e a fantasia  
Do filho, que casar-se não queria,

Pedro, por causa do seu amor por ti, enjeita leitos conjugais de outras belas senhoras e princesas, desejosas a casar-se com ele, porque tu, ó Puro Amor, desprezas tudo enfim, quando um gesto suave (a bela feição terno rosto) te subjuga. Vendo estas namoradas estranhezas, o velho e sisudo pai que respeita o murmurar do povo (considera, atende a importância do murmúrio da corte, reflete nas consequências da fantasia do filho) e vendo a fantasia (vontade desarrazoada) do filho que não queria casar-se... determina...

123

"Tirar Inês ao mundo determina,  
Por lhe tirar o filho que tem preso,  
Crendo co'o sangue só da morte indina  
Matar do firme amor o fogo aceso.  
Que furor consentiu que a espada fina,  
Que pôde sustentar o grande peso  
Do furor Mauro, fosse alevantada  
Contra uma fraca dama delicada?

O pai de D. Pedro determina tirar Inês do mundo para tirar o filho que está preso a ela, crendo o rei matar (supondo que mataria) o aceso fogo do firme amor do príncipe só com o sangue da indigna e cruel morte dela. Que furor (que loucura) seria esse, que consentiu que a afiada espada que pôde sustentar o grande peso (as grandes forças militares do Imperador de Marrocos) do

Mauro furor fosse levantada contra uma fraca e delicada dama?

**QUARTA PARTE** (124 e 125): Inês é trazida pelos algozes à presença do Rei e, em atitude suplicante, de olhos cristalinos no céu, prepara-se para falar ao avô cruel de seus filhos.

124

"Traziam-na os horríficos algozes  
Ante o Rei, já movido a piedade:  
Mas o povo, com falsas e ferozes  
Razões, à morte crua o persuade.  
Ela com tristes e piedosas vozes,  
Saídas só da mágoa, e saudade  
Do seu Príncipe, e filhos que deixava,  
Que mais que a própria morte a magoava,

Os horrendos verdugos (Pedro Coelho, Diego Lopes e Álvaro Gonçalves) traziam Inês ante o rei já movido à piedade (inclinado a revogar sua resolução), mas o povo (os bárbaros conselheiros inimigos de Inês; os algozes ferozes que falsamente invocavam o povo como sendo este que exigia a morte de Inês), com falsas e ferozes razões, incita-o a manter a ordem da cruel determinação. Ela, com tristes e piedosas vozes, saídas só da mágoa e da saudade do seu Príncipe e dos filhos que deixava – o que a magoava mais que a própria morte – levantando os olhos... dizia...

125

"Para o Céu cristalino alevantando  
Com lágrimas os olhos piedosos,  
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando  
Um dos duros ministros rigorosos;  
E depois nos meninos atentando,  
Que tão queridos tinha, e tão mimosos,  
Cuja orfandade como mãe temia,  
Para o avô cruel assim dizia:

Levantando os piedosos olhos (olhos que inspiram  
compaixão), com lágrimas para o cristalino céu;  
levantando somente os olhos, porque um dos cruéis e  
desumanos ministros lhe estava atando as mãos; e  
olhando atentamente depois nos meninos que tão  
queridos e tão mimosos tinha e cuja orfandade como  
mãe temia, dizia assim para o cruel avô:

Inês levanta primeiro os olhos para o céu como para  
pedir o Deus que movesse o coração do rei;  
naturalmente levantaria as mãos atitude em que os  
cristãos fazem preces, se não estivessem atadas pelos  
carrascos.

**QUINTA PARTE** (126 a 129): Discurso comovente para remover o duro  
sogro de seu intento sanguinário.

126

- "Se já nas brutas feras, cuja mente  
Natura fez cruel de nascimento,  
E nas aves agrestes, que somente  
Nas rapinas aéreas têm o intento,  
Com pequenas crianças viu a gente  
Terem tão piedoso sentimento,  
Como com a mãe de Nino já mostraram,  
E com os irmãos que Roma edificaram;

Se, nas brutas feras, cuja mente e instinto a natureza  
fez cruel de nascimento, e se, nas agrestes aves  
(bravias, não domésticas), que somente têm a intenção  
nas rapinas aéreas, nós já vimos mostrarem elas, com

crianças pequenas, sentimento tão piedoso como já mostraram as pombas com a mãe de Nino e a loba com os irmãos Rômulo e Remo que edificaram Roma...

Nino é o rei da Assíria (1900 A.C.), esposo de Semíramis – a lendária e célebre fundadora desse reino. A fábula conta haver sido exposta em um deserto, sendo alimentada, nesse deserto, pelas pombas e depois recolhida por pastores. É lenda semelhante à Rômulo e Remo. Sendo meninos abandonados, uma loba os criou; depois fundaram Roma (753 A.C.). Aqui o poeta se engana: Semíramis, rainha da Assíria, era esposa de Nino e mãe de Nímias.

127

- "Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito  
(Se de humano é matar uma donzela  
Fraca e sem força, só por ter sujeito  
O coração a quem soube vencê-la)  
A estas criancinhas tem respeito,  
Pois o não tens à morte escura dela;  
Mova-te a piedade sua e minha,  
Pois te não move a culpa que não tinha.

Tu, ó rei! que tens o gesto e o peito, o rosto e o coração,  
de ser humano, -se é próprio de ser humano matar uma  
donzela fraca e sem força (frágil e sem defesa) e matá-  
la só por ela ter submetido, rendido o coração a quem  
soube vencê-la e conquistá-la, tem respeito a estas  
criancinhas, pois tu não tens respeito à morte triste dela.  
Oxalá que te comova a compaixão delas e de mim, pois  
não te comove a culpa que não tenho.

As marcas do discurso apelativo são visíveis no uso da segunda pessoa (ó tu, tens, sabes, viste), e do imperativo (tem respeito, mova-te, sabe, põe-me). Concentra-se, pois, a linguagem apelativa no receptor (D. Afonso IV).



128

- "E se, vencendo a Maura resistência,  
A morte sabes dar com fogo e ferro,  
Sabe também dar a vida com clemência  
A quem para perdê-la não fez erro.  
Mas se to assim merece esta inocência,  
Põe-me em perpétuo e mísero desterro,  
Na Cítia fria, ou lá na Líbia ardente,  
Onde em lágrimas viva eternamente.

E, se tu, vencendo a resistência dos mouros, sabes dar a morte com ferro e fogo, sabe também, com clemência dar a vida a quem, para perdê-la, não fez erro. Mas, se esta inocência (ela e os filhos) merece isto (dar vida com clemência), põe-me em perpétuo e mísero desterro, na Cítia fria ou lá na Líbia ardente onde, em lágrimas, eu viva eternamente.

Cítia é o nome antigo das regiões polares do norte da Europa e da Ásia. Líbia é o nome antigo da África onde se supunha habitarem feras e morrerem os homens queimados.

129

"Põe-me onde se use toda a feridade,  
Entre leões e tigres, e verei  
Se neles achar posso a piedade  
Que entre peitos humanos não achei:  
Ali com o amor intrínseco e vontade  
Naquele por quem morro, criarei  
Estas relíquias suas que aqui viste,  
Que refrigério sejam da mãe triste." -

Põe-me tu onde os costumes sejam de ferocidade, de braveza de feras, entre leões e tigres, e verei se posso neles achar a piedade e compaixão que não achei entre corações humanos; ali com amor íntimo e benevolência naquele príncipe por quem morro de amor, criarei teus netos (estas relíquias) que aqui viste e que espero sejam consolação da triste mãe, que sou.

Aqui viste – o verbo no pretérito dá a entender que os meninos, no começo desta cena, estavam presentes e agora foram afastados dali.

**SEXTA PARTE** (os primeiros 4 versos da estrofe 130): Hesitação do Rei e insistência do povo e dos algozes.

**SÉTIMA PARTE** (os 4 últimos versos da estrofe 130 e as estrofes 131 e 132): Bárbaro assassinato de Inês de Castro, perpetrado pelos algozes cuja ação o poeta logo condena (ó peitos carniceiros) comparando este cruel assassinio com a bárbara morte da linda moça Policena.

130

"Queria perdoar-lhe o Rei benino,  
Movido das palavras que o magoam;  
Mas o pertinaz povo, e seu destino  
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.  
Arrancam das espadas de aço fino  
Os que por bom tal feito ali apregoam.  
Contra uma dama, ó peitos carniceiros,  
Feros vos amostrais, e cavaleiros?

O rei comovido pelas palavras de Inês, que o magoam, queria benigno, perdoar-lhe, mas os algozes que pretextavam falsamente as queixas do povo bem como o destino de Inês que desta sorte quis não lhe perdoam a morte. Os carrascos que o assassinio ali apregoam por bom, arrancam das espadas de fino aço (afiadas)... (interrompe-se a narrativa com a seguinte apóstrofe - ó carniceiros peitos, mostrais-vos ferozes contra uma dama e sois cavaleiros?)!

131

"Qual contra a linda moça Policena,  
Consolação extrema da mãe velha,  
Porque a sombra de Aquiles a condena,  
Co'o ferro o duro Pirro se aparelha;  
Mas ela os olhos com que o ar serena  
(Bem como paciente e mansa ovelha)  
Na mísera mãe postos, que endoudece,  
Ao duro sacrifício se oferece:

Tão qual o cruel Pirro se aparelha com o ferro assassino contra a linda moça Policena, a extrema consolação da sua velha mãe, e vai matá-la porque a alma de Aquiles a

condena... mas ela, a moça, à semelhança de paciente e mansa ovelha, tendo os olhos com quem o ar serena (hipérbole – o céu desanuvia-se com o olhar dela) postos na mísera mãe que endoidece, oferece-se ao duro sacrifício.

Pirro é o filho de Aquiles; este é o herói grego imortalizado pela destruição de Tróia na Ilíada de Homero e que foi morto por Páris com uma flecha que lhe disparou sobre o calcanhar, único ponto vulnerável do herói. Páris é irmão de Policena. Aquiles era noivo de Policena. Depois de morto, sua alma apareceu a Pirro, pedindo-lhe que lhe mandasse a noiva para o outro mundo a fazer-lhe companhia. Pirro cumpriu a ordem.

132

"Tais contra Inês os brutos matadores  
No colo de alabastro, que sustinha  
As obras com que Amor matou de amores  
Aquele que depois a fez Rainha;  
As espadas banhando, e as brancas flores,  
Que ela dos olhos seus regadas tinha,  
Se encarniçavam, férvidos e irosos,  
No futuro castigo não cuidadosos.

Tais brutos, bestiais matadores e assassinos se encarniçavam férvidos (agitados pelo ardor da ira) e irosos (irados, coléricos, por índole e caráter) contra Inês, não prevendo que um dia seriam castigados, banhando (enterrando as espadas, fazendo-as penetrar profundamente) as espadas no colo (pescoço) de alabastro (extremamente branco como mármore), que sustinha as obras (o conjunto da formosura do semblante as feições, a beleza dos olhos, da boca) com que o Amor matou de amores aquele príncipe, que depois dela ter morrido a fez rainha, e banhando em sangue às brancas flores (as rosas das faces) que ela tinha regadas dos seus olhos.

As estrofes 131 e 132 constituem os dois termos de uma longa comparação em que o poeta compara o assassinio de Inês pelos brutos matadores com a morte violenta de Policena, filha de Aquiles, sacrificada

pelo duro Pirro sobre o túmulo do pai dela. Os olhos de Policena, como os de Inês, simbolizam a beleza, a ternura, a inocência, a saudade, a súplica dolorosa.

**OITAVA PARTE** (133 a 135): Bela intervenção do poeta numa reprovação emocional, terminando com o expressivo lamento das filhas do Mondego e com a expressiva animização da natureza, chorando a morte de Inês.

133

"Bem puderas, ó Sol, da vista destes  
Teus raios apartar aquele dia,  
Como da seva mesa de Tiestes,  
Quando os filhos por mão de Atreu comia.  
Vós, ó côncavos vales, que pudestes  
A voz extrema ouvir da boca fria,  
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,  
Por muito grande espaço repetistes!

Ó sol! Bem puderas apartar (afastar), naquele dia, da vista destes assassinos os teus raios como os desviaste da seva mesa (atroz banquete) de Tietes quando este, por mão de Atreu comia os próprios filhos! Vós, ó côncavos vales que pudestes ouvir a voz extrema da boca fria de Inês, por muito grande espaço (espaço de tempo e lugar; foi durante muito tempo e em grande extensão; não foram só os vales próximos, foram os distantes que repetiram o eco doloroso) repetistes o nome que lhe ouvistes, o nome de seu Pedro.

Atreu é o fabuloso rei de Micenas, célebre pela sua monstruosa vingança contra o irmão Tiestes que tivera amores com Erope, mulher dele; a vingança consistiu em matar Tântalo e Plisteno, filhos de Tiestes e dá-los a comer ao pai num banquete; nesse horrendo momento, diz-se que o sol se escondeu horrorizado.

134

"Assim como a bonina, que cortada  
Antes do tempo foi, cândida e bela,  
Sendo das mãos lascivas maltratada  
Da menina que a trouxe na capela,  
O cheiro traz perdido e a cor murchada:  
Tal está morta a pálida donzela,  
Secas do rosto as rosas, e perdida  
A branca e viva cor, com a doce vida.

Assim como a bela e cândida bonina (flor do campo) traz o cheiro perdido e a cor murchada (esmorecida) a bonina que foi cortada antes do tempo próprio, sendo depois maltratada pelas lascivas (travessas, galhofeiras) mãos da menina que a trouxe na capela (grinalda, coroas de flores), tal está morta a pálida donzela, secas as rosas do rosto, e perdida a branca e viva cor com a doce vida.

O coração do poeta revela-se ainda mais claramente, na reprovação emocional da tragédia, quando, na estrofe 134, compara a pálida donzela morta, à bonina que perde o perfume e a cor, ao ser cortada antes do tempo e maltratada de mãos lascivas.

135

"As filhas do Mondego a morte escura  
Longo tempo chorando memoraram,  
E, por memória eterna, em fonte pura  
As lágrimas choradas transformaram;  
O nome lhe puseram, que inda dura,  
Dos amores de Inês que ali passaram.  
Vede que fresca fonte rega as flores,  
Que lágrimas são a água, e o nome amores.

As filhas do Mondego (as ninfas do Mondego, as divindades das suas águas, como também as damas de Coimbra onde residia então a Corte) lembraram-se da triste e horrorosa morte de Inês, chorando longo tempo, e, por memória eterna, transformaram em fonte pura as lágrimas choradas; e puseram-lhe o nome que ainda dura, "dos Amores de Inês" que ali haviam existido entre

Pedro e Inês. Vede que fresca fonte rega as flores! Vede que a água e o nome da fonte são lágrimas e amores.

A estrofe 135 narra o comovente lamento das filhas de Mondego, que a morte escura longo tempo, chorando, memoraram.

## **A Partida.**

### **Canto IV – estrofes 84 a 93.**

Vasco da Gama conta ao rei de Melinde a partida da armada. A armada parte a 8 de julho de 1497. O texto aparece nas estrofes 84 a 93 do canto IV. As despedidas de Belém são um quadro em que a pluralidade de sentimentos familiares e humanos estão expressos em todos os seus sonhos e temores. São os homens, as mulheres, as mães, as esposas e as irmãs com a “desesperação e frio medo de já nos não tornar a ver tão cedo”. É uma linguagem em que a função emotiva predomina no texto todo. As areias se orvalham de tantas lágrimas, de tal maneira que se igualam a quantidade de areia e lágrimas.

88

"A gente da cidade aquele dia,  
(Uns por amigos, outros por parentes,  
Outros por ver somente) concorria,  
Saudosos na vista e descontentes.  
E nós com a virtuosa companhia  
De mil Religiosos diligentes,  
Em procissão solene a Deus orando,  
Para os batéis viemos caminhando.

Concorria (ali, a Belém), naquele dia, a gente da cidade, uns por causa dos parentes, outros por causa os amigos, outros somente por verem (por curiosidade), saudosos e descontentes na vista (mostrando nos olhos, no semblante a saudade dos que partiam e a tristeza causada pela saudade); e nós, em procissão solene com virtuosa companhia de mil religiosos, orando diligentes (rezando com devoção a Deus) viemos caminhando para os batéis. (Os navegantes, saindo da ermida, foram caminhando até a praia em que embarcaram).

89

"Em tão longo caminho e duvidoso  
Por perdidos as gentes nos julgavam;  
As mulheres com um choro piedoso,  
Os homens com suspiros que arrancavam;  
Mães, esposas, irmãs, que o temeroso  
Amor mais desconfia, acrescentavam  
A desesperação, e frio medo  
De já nos não tornar a ver tão cedo.

As gentes (aquela gente que estava assistindo ao embarque dos navegantes) julgavam os heróis por perdidos, já que viajariam por tão longo e duvidoso caminho; as mulheres eram vistas em piedoso choro; os homens com suspiros que arrancavam do peito; as mães, esposas, irmãs a quem o temeroso amor desconfia mais (o amor torna-as mais desconfiadas do bom êxito das arriscadas empresas em que entram os filhos, os esposos e os irmãos) acrescentavam a desesperação (falta de esperança) e o frio medo (o medo que causa frio) de já nos não tornarem a ver tão cedo.

90

"Qual vai dizendo: -" Ó filho, a quem eu tinha  
Só para refrigério, e doce amparo  
Desta cansada já velhice minha,  
Que em choro acabará, penoso e amaro,  
Por que me deixas, mísera e mesquinha?  
Por que de mim te vás, ó filho caro,  
A fazer o funéreo enterramento,  
Onde sejas de peixes mantimento!" -

Uma delas ia dizendo: -- Ó filho, a quem eu tinha por único refrigério (consolação) e doce (suave, meigo) amparo desta minha velhice já cansada que acabara em penoso e amargo choro. Por que deixas a mim, mísera e mesquinha? Por que te vais (te separas) de mim, ó caro filho, a fazer o teu funéreo enterramento onde sejas mantimentos de peixes.



91

"Qual em cabelo: -"Ó doce e amado esposo,  
Sem quem não quis Amor que viver possa,  
Por que is aventurar ao mar iroso  
Essa vida que é minha, e não é vossa?  
Como por um caminho duvidoso  
Vos esquece a afeição tão doce nossa?  
Nosso amor, nosso vão contentamento  
Quereis que com as velas leve o vento?" –

Uma outra, em cabelo (cabelo solto, desordenado), ia dizendo: "Ó doce e amado esposo, sem quem o amor não quis que eu possa viver, por que ides aventurar (arriscar) ao iroso (tempetuoso) mar essa vida que é minha e não é vossa? (a esposa, no arrebatamento da paixão, depois de dizer que não pode continuar a viver, estando ausente o marido, acrescenta que a vida dele é a sua). Como é que vos esquece a nossa tão doce (carinhosa, meiga) afeição? Quereis que o vento leve, com as velas dessas naus, o nosso amor, o nosso vão (vazio, imaginário)contentamento?"

92

"Nestas e outras palavras que diziam  
De amor e de piedosa humanidade,  
Os velhos e os meninos os seguiam,  
Em quem menos esforço põe a idade.  
Os montes de mais perto respondiam,  
Quase movidos de alta piedade;  
A branca areia as lágrimas banhavam,  
Que em multidão com elas se igualavam.

Com estas e outras palavras de amor e de piedosa humanidade (de dó, caritativas, de quem sente grande dor), que as mães e esposas diziam, seguiam os navegantes os velhos e os meninos nos quais a idade põe menos esforço (os velhos e as crianças são mais débeis, têm menos força para resistir à dor, não podem reprimir o pranto). Os montes de mais perto respondiam, quase movidos de alta piedade (os montes próximos repetem os gritos e lástimas dos que ficavam – prosopopéia e hipérbole); as lágrimas das mulheres, dos velhos e das crianças banhavam a branca arreia – lágrimas que, em multidão, se igualavam com as areias. (Hipérbole: as lágrimas eram tantas quanto os grãos de areia na praia).

## **O Velho do Restelo.**

### **Canto IV – estrofes 94 a 104.**

Voz da experiência, sabedoria do povo, prudência da opinião pública. Vale a pena a tragédia marítima? E o sacrifício de pessoas? – “Ó mar salgado, quanto de teu sal são lágrimas de Portugal!”. Ergue-se a voz de um respeitável Velho do Restelo, no momento da partida, representando todos aqueles que se opunham à louca e perigosa viagem à Índia. O discurso do Velho revela uma posição racional, fruto do bom-senso e da experiência, contrário à política de expansão. Compare com o ano de 1969, em que muitos criticavam a corrida à Lua, julgando que primeiro se devesse resolver os problemas próximos para depois buscar uma viagem de expansão. O Velho do Restelo fala como um poeta humanista que exprime desdém pela “aura popular”. O Velho assume-se como juiz dos acontecimentos e avalia-os do ponto de vista moral e humano. Há, pois, uma contradição entre o discurso pacifista do Velho e a épica exaltação dos heróis. A viagem do Gama, cantada em “Os Lusíadas” demonstrará, apesar do Velho do Restelo, que os Portugueses chegam à Índia, vencendo o elemento água, tal qual Ícaro venceu o ar e Prometeu venceu o fogo. Canto IV, estrofes 94 a 104.

94

"Mas um velho d'aspeito venerando,  
Que ficava nas praias, entre a gente,  
Postos em nós os olhos, meneando  
Três vezes a cabeça, descontente,  
A voz pesada um pouco alevantando,  
Que nós no mar ouvimos claramente,  
C'um saber só de experiências feito,  
Tais palavras tirou do experto peito:

Mas um velho de venerando aspecto que ficava nas praias entre agente (no meio do povo), tendo os olhos postos em nós, meneando descontentemente três vezes a cabeça e levantando um pouco a pesada voz (voz morosa como de quem está cansado), que nós no mar ouvimos claramente, tirou a seguintes palavras do esperto peito (coração experiente, as palavras do velho

eram veemente; pareciam sair-lhe do peito arquejante, procediam do coração, eram sinceras e o coração era de homem experiente) com um saber só de experiências.

95

- "Ó glória de mandar! Ó vã cobiça  
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!  
Ó fraudulento gosto, que se atija  
C'uma aura popular, que honra se chama!  
Que castigo tamanho e que justiça  
Fazes no peito vão que muito te ama!  
Que mortes, que perigos, que tormentas,  
Que crueldades neles experimentas!

Ó glória de mandar! Ó vã cobiça desta vaidade a quem chamamos Fama! Ó fraudulento (enganador) gosto que se atija (é excitado) com uma aura popular (prestígio) que se chama honra! Que castigo tamanho e que justiça fazes no peito vão que muito te ama! Que mortes, que perigos, que tormentas, que crueldades neles experimentas! Nestas apóstrofes, a exclamação que o poeta põe na boca de um homem do povo lembra quanto padece quem aspira à glória do mando, e quem ambiciona ser glorificado com os aplausos das multidões; a amargura da saudade, condenando as aspirações da gente que partia para a Índia.

96

- "Dura inquietação d'alma e da vida,  
Fonte de desamparos e adultérios,  
Sagaz consumidora conhecida  
De fazendas, de reinos e de impérios:  
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,  
Sendo digna de infames vitupérios;  
Chamam-te Fama e Glória soberana,  
Nomes com quem se o povo néscio engana!

Chamam-te fama e soberana glória, nomes com os quais se engana o povo néscio (ignorante)! Chamam-te ilustre, chamam-te subida (ilustre), sendo tu digna de infames, vitupérios (castigos, censuras), porque és dura (cruel) inquietação da alma; és fonte (origem, causa) de desamparos e adultérios! És sagaz (perspicaz) e conhecida consumidora de fazendas (bens, riquezas) de reinos e de impérios! O Velho do Restelo acusa os

ambiciosos de fama e de glória, quando, para satisfazerem a sua ambição, desamparam as esposas e assim dão causa à adultério ou promovem guerras que são origem de ruínas e desolação.

97

- "A que novos desastres determinas  
De levar estes reinos e esta gente?  
Que perigos, que mortes lhe destinas  
Debaixo de algum nome preminente?  
Que promessas de reinos, e de minas  
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?  
Que famas lhe prometerás? que histórias?  
Que triunfos, que palmas, que vitórias?

A que novos desastres determinas, tu, ó ambição, levar estes reinos e esta gente! Que perigos e que mortes lhes destinas, de baixo de algum nome proeminente (pomposo)! Que promessas de reinos e de minas de ouro que tão facilmente lhes farás! Que famas lhes prometerás! Que histórias! Que triunfos! Que palmas! Que vitórias! Encerra-se aqui o vaticínio das vitórias e triunfos alcançados pelos Portugueses na Índia e nas viagens de descoberta, mas à custa de muitos perigos, naufrágios e mortes.

## Fogo de Santelmo e Tromba Marítima.

### Canto V – 16 a 22.

Gama assume, na estrofe 16, que a realidade de que fala é de tal maneira grandiosa e inédita que teme não ser capaz de descrever com fidelidade... "ainda que tivesse a voz de ferro". E sobre essas "cousas do mar", na estrofe 17, apresenta duas posições. A dos rudes marinheiros que, embora não entendam o fenômeno, a experiência manda acreditar neles. Depois, a posição dos sábios que não acreditam, já que nunca experimentaram. É o conflito sempre presente entre a prática e a teoria. Vamos então às "cousas do mar" em que os rudes marinheiros acreditam e em que os sábios não acreditam. Na estrofe 18, os quatro primeiros versos descrevem o fogo de Santelmo. "... vi, claramente vivo, o lume vivo". Os últimos quatro versos da estrofe 18, seguidas das demais estrofes, descrevem A Tromba Marítima. Primeiro, uma introdução em que se faz uma apresentação do "excessivo milagre" (os quatro últimos versos da estrofe 18). Depois, a descrição detalhada do processo da formação da tromba marítima. (estrofes 19 a 21). Por último, o súbito esvaziamento da "nuvem negra" em violenta chuvarada. (estrofe 22). Reserva os dois últimos versos para desafiar os sábios a explicarem, através de suas obras teóricas, os segredos da natureza, que muitos marinheiros conhecem por experiência.

16

"Contar-te longamente as perigosas  
Coisas do mar, que os homens não entendem:  
Súbitas trovoadas temerosas,  
Relâmpagos, que o ar em fogo acendem,  
Negros chuvaeiros, noites tenebrosas,  
Bramidos de trovões que o mundo fendem,  
Não menos é trabalho, que grande erro,  
Ainda que tivesse a voz de ferro.

Contar-te miudamente as perigosas cousas do mar, que os homens não entendem, isto é as inesperadas e temerosas trovoadas, e os relâmpagos que acendem o ar em fogo, e os negros chuvaeiros e as noites tenebrosas (em trevas), e o estrondo de trovões que fendem o mundo; não seria menos trabalho do que grande erro, ainda que eu tivesse a voz de ferro.

17

"Os casos vi, que os rudes marinheiros,  
Que têm por mestra a longa experiência,  
Contam por certos sempre e verdadeiros,  
Julgando as cousas só pela aparência,  
E que os que têm juízos mais inteiros,  
Que só por puro engenho e por ciência,  
Vêm do mundo os segredos escondidos,  
Julgam por falsos, ou mal entendidos.

Vi os casos (o fogo de Santelmo e a tromba marítima) que os rudes marinheiros, que tem por mestra a longa experiência, contam sempre por certos e verdadeiros, julgando as cousas só pela aparência, e que os homens que têm mais inteiros juízos (melhor inteligência) e que, só por simples talento e ciência, vêm os escondidos segredos do mundo, julgam por falsos ou mal entendidos.

18

"Vi, claramente visto, o lume vivo  
Que a marítima gente tem por santo  
Em tempo de tormenta e vento esquivo,  
De tempestade escura e triste pranto.  
Não menos foi a todos excessivo  
Milagre, e coisa certo de alto espanto,  
Ver as nuvens do mar com largo cano  
Sorver as altas águas do Oceano.

Em tempo de tormenta, de vento incerto, de escura tempestade e de grande aflição, vi, sendo por mim claramente visto (pleonasma), o vivo lume que agente marítima tem por santa (fogo de Santelmo, fogo fátuo que aparece nas pontas dos mastros em ocasião de tempestade). Não menos excessivo milagre foi a todos e cousa certamente de alto espanto (grande admiração), verem as nuvens do mar, com largo cano, a sorverem as altas águas do Oceano.

19

"Eu o vi certamente (e não presumo  
Que a vista me enganava) levantar-se  
No ar um vaporzinho e sutil fumo,  
E, do vento trazido, rodear-se:  
Daqui levado um cano ao pólo sumo  
Se via, tão delgado, que enxergar-se  
Dos olhos facilmente não podia:  
Da matéria das nuvens parecia.

Eu o vi com certeza, e não presumo que a vista me enganasse; vi  
levantar-se no ar um vaporzinho e sutil fumo, trazido do vento, rodear-se  
(redemoinhar); daqui via-se, levado ao sumo pólo (em direção  
perpendicular para do céu) um cano tão delgado que não podia facilmente  
ser enxergado pelos olhos; parecia fazer parte de uma nuvem.

20

"Ia-se pouco e pouco acrescentando  
E mais que um largo masto se engrossava;  
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando  
Os golpes grandes de água em si chupava;  
Estava-se com as ondas ondeando;  
Em cima dele uma nuvem se espessava,  
Fazendo-se maior, mais carregada  
Com o cargo grande d'água em si tomada.

Ia-se acrescentando aquele cano, a pouco e pouco, e engrossava-se mais  
do que um grosso mastro; aqui se estreitava, aqui se alargava, quando  
chupava em si os grandes golpes de água; estava-se ondeando com as  
ondas (balançando-se); em cima dele uma nuvem tornava-se mais  
espessa, fazendo-se maior, mais carregada com o grande peso de água  
em si tomada.

21

"Qual roxa sanguessuga se veria  
Nos beijos da alimária (que imprudente,  
Bebendo a recolheu na fonte fria)  
Fartar com o sangue alheio a sede ardente;  
Chupando mais e mais se engrossa e cria,  
Ali se enche e se alarga grandemente,  
Tal a grande coluna, enchendo, aumenta  
A si, e a nuvem negra que sustenta.

Assim como se veria uma vermelha sanguessuga segura nos beijos do animal, que imprudentemente, bebendo na fria fonte, a recolhesse, ficando a bicha a fartar a sede ardente com o alheio sangue, chupando mais e mais, a sanguessuga engrossa e alimenta-se, enche-se ali, e alarga-se grandemente, do mesmo modo a grande coluna, enchendo-se, se aumentava a si próprio, e aumentava a nuvem que sustentava (a coluna que sustentava a nuvem, suportava-lhe o peso que a alimentava ou nutria d'água absorvida do mar.

22

"Mas depois que de todo se fartou,  
O pé que tem no mar a si recolhe,  
E pelo céu chovendo enfim voou,  
Porque com a água a jacente água molhe.  
Às ondas torna as ondas que tomou;  
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.  
Vejam agora os sábios na escritura,  
Que segredos são estes da Natura.

Mas a nuvem, depois de se encher, de maneira que não podia crescer mais, recolheu a si o pé que tinha no mar; e enfim voou pelo céu, deitando chuva, para que molhe, com a sua água a água que no mar ficou. E restitui às ondas do mar, as águas que lhe tomou, mas tira-lhe, tolhe-lhe o sabor do sal. Vejam agora os sábios na escritura (nos livros) que segredos são estes da natureza.



## **O Gigante Adamastor.**

### **CANTO V- estrofes 37 a 60.**

Na Odisséia, Homero apresentava o gigante Polifemo. Também Atlas se converte em monte ao ver a cabeça de Medusa. Adamastor é o símbolo da grandiosidade dos mares e da imensidão das terras distantes, agora curvadas à vontade do povo português. Ao cruzar o Cabo das Tormentas, Vasco da Gama é surpreendido pelo aparecimento do colossal Gigante Adamastor, uma figura mitológica, criada pelo poeta, para significar todos os perigos, as tempestades, os naufrágios, as mortes que os Portugueses terão de enfrentar em suas viagens. O Gigante é, pois, símbolo das forças cósmicas que o homem terá que vencer, se quiser conquistar o mundo e “da lei da morte” libertar-se. O contexto é o Renascimento: O homem afirma-se, vencendo, com vigor físico e intelectual, as forças cósmicas que o limitam. Este episódio central de “Os Lusíadas” é uma espécie de abóbada arquitetônica do poema em que vêm concentrar-se as grandes linhas da epopéia: A dificuldade de passagem do Cabo, as profecias (história futura de Portugal) e lirismo (história de amor que irá ligar-se, mais tarde, à narração maravilhosa da Ilha dos Amores). É também um episódio trágico de amor e morte. Mas é, acima de tudo, uma episódio épico em que se consolida a vitória do homem sobre os elementos naturais. Canto V. Estrofes de 37 a 60. Vamos dividir este episódio em seis momentos principais:

- 1) **Uma Introdução.** Constituída pelas estrofes 37 e 38 em que o autor descreve o cenário para o aparecimento do gigante.

37

"Porém já cinco Sóis eram passados  
Que dali nos partíramos, cortando  
Os mares nunca doutrem navegados,  
Prosperamente os ventos assoprando,  
Quando uma noite, estando descuidados,  
Na cortadora proa vigiando,  
Uma nuvem que os ares escurece  
Sobre nossas cabeças aparece.

Porém eram já passados cinco sóis (cinco dias depois de largarem a baía de Santa Helena), desde que partíramos dali, cortando (sulcando) os mares nunca de outrem navegados, e sopravam os ventos prosperamente, quando, uma noite, estando nós descuidados, vigiando na cortadora proa (a parte dianteira do navio), apareceu sobre as nossas cabeças uma nuvem que escurece os ares (prelúdio da tempestade que se descreve nas estâncias seguintes).

38

"Tão temerosa vinha e carregada,  
Que pôs nos corações um grande medo;  
Bramindo o negro mar, de longe brada  
Como se desse em vão nalgum rochedo.  
- "Ó Potestade, disse, sublimada!  
Que ameaço divino, ou que segredo  
Este clima e este mar nos apresenta,  
Que mor cousa parece que tormenta?" –

Essa nuvem vinha tão temerosa (pavorosa) e carregada (de cor escura), que pôs um grande medo nos nossos corações; o negro mar (o mar reflete a cor das nuvens escuras) bradava de longe como se desse em vão em algum rochedo. (Nas cavernas dos rochedos; o estrondo do mar é imenso quando entra pelas cavernas). Ó sublimada

Potestade (excelso poder de Deus), disse eu, que ameaça divina ou que segredo nos apresenta este clima e este mar que parece maior causa do que tormenta?!

2) **A Aparição do Monstro.** Estrofes 39 e 40. Aqui o autor descreve a figura monstruosa do gigante, que causa horror a Vasco da Gama e a seus companheiros de viagem

39

"Não acabava, quando uma figura  
Se nos mostra no ar, robusta e válida,  
De disforme e grandíssima estatura,  
O rosto carregado, a barba esquálida,  
Os olhos encovados, e a postura  
Medonha e má, e a cor terrena e pálida,  
Cheios de terra e crespos os cabelos,  
A boca negra, os dentes amarelos.

Não acabava eu de dizer estas palavras, quando no ar se nos mostra uma figura, robusta e válida, de disforme e grandíssima estatura; tinha o rosto carregado (semblante de quem está irado), a barba esquálida (comprida e suja), os olhos encovados, a postura medonha e má (gestos ameaçadores, causando medo), a cor terrena (cor de terra, cor escura), e pálida, os cabelos cheios de terra e crespos, a boca negra e os dentes amarelos.

40

"Tão grande era de membros, que bem posso  
Certificar-te, que este era o segundo  
De Rodes estranhíssimo Colosso,  
Que um dos sete milagres foi do mundo:  
Com um tom de voz nos fala horrendo e grosso,  
Que pareceu sair do mar profundo:  
Arrepiam-se as carnes e o cabelo  
A mim e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo.

O Gigante era tão grande de membros que bem posso certificar-te, que este era o segundo estranhíssimo colosso de Rodes (o colosso que

pelos antigos era considerado uma das sete maravilhas do mundo; uma estátua de bronze, de 70 metros de altura, representando o sol), que foi um dos sete milagres (maravilhas) do mundo. Falou-nos com tom de voz horrendo e grosso, que parecia sair do profundo mar. Arrepiam-se as carnes e o cabelo, a mim e a todos, só de vê-lo e ouvi-lo (é natural o medo fazer eriçarem-se os cabelos e produzir calafrios na pele).

3) **Primeira Parte do Discurso do Gigante.** Estrofes 41 a 48. Aqui a fala de Adamastor tem caráter profético e ameaçador. Anuncia castigos e desgraças para aquela gente Portuguesa que invadiu seus mares até então nunca navegados.

41

"E disse: — "Ó gente ousada, mais que quantas  
No mundo cometeram grandes cousas,  
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,  
E por trabalhos vãos nunca repousas,  
Pois os vedados términos quebrantas,  
E navegar meus longos mares ousas,  
Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,  
Nunca arados d'estranho ou próprio lenho:

E o Gigante disse : - "Ó gente Portuguesa, mais ousada do que todas quantas cometeram no mundo grandes cousas; tu que nunca repousas de tantas e tão cruas guerras e de vãos trabalhos, pois os vedados términos do mundo quebrantas (transpões), e ousas navegar nos meus longos (extensos) mares, que eu tenho e guardo há já tanto tempo, sem nunca serem arados (sulcados) por lenho (navio) meu próprio, ou de estranhos.

42

- "Pois vens ver os segredos escondidos  
Da natureza e do úmido elemento,  
A nenhum grande humano concedidos  
De nobre ou de imortal merecimento,  
Ouve os danos de mim, que apercebidos  
Estão a teu sobejo atrevimento,  
Por todo o largo mar e pela terra,  
Que ainda há de sojugar com dura guerra.

Pois (visto que) vens ver os escondidos segredos da natureza e o úmido elemento (vens devassar os segredos do mar), segredos não concedidos a nenhum grande homem de nobre ou de imortal merecimento, ouve de mim os danos que para o teu sobejo (excessivo) atrevimento estão apercebidos (preparados) por todo o largo mar e pela terra (pelas nações) que ainda hás de subjugar com dura guerra. (Referência aos naufrágios que haviam de realizar-se na imensidade daqueles mares, e às perdas de vidas dos Portugueses. Eles conquistariam um império na Ásia mas à custa de muito de seu sangue).

43

- "Sabe que quantas naus esta viagem  
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,  
Inimiga terão esta paragem  
Com ventos e tormentas desmedidas.  
E da primeira armada que passagem  
Fizer por estas ondas insofridas,  
Eu farei d'improviso tal castigo,  
Que seja mor o dano que o perigo.

Sabe tu (fica tu sabendo) que todas quantas naus, de atrevidas, fizerem esta viagem que tu fazes, terão esta paragem por inimiga com ventos e desmedidas tormentas; e na primeira armada (a profecia se refere à primeira viagem que havia de ser feita depois da de Vasco da Gama. É a viagem de Pedro Álvares Cabral em que naufragaram seis navios) que fizer passagem por estas insofridas ondas (ondas ainda virgens de navios), farei eu, de improviso castigo tal, que seja maior o dano do que o perigo.

44

- "Aqui espero tomar, se não me engano,  
De quem me descobriu, suma vingança.  
E não se acabará só nisto o dano  
Da vossa pertinace confiança;  
Antes em vossas naus vereis cada ano,  
Se é verdade o que meu juízo alcança,  
Naufrágios, perdições de toda sorte,  
Que o menor mal de todos seja a morte.

Aqui (neste promontório), espero, se não me engano, tomar suma vingança de quem me descobriu (o gigante promete vingar-se de Bartolomeu Dias, o descobridor daquele cabo e que, na armada de Pedro Álvares Cabral, pereceu, sendo capitão de uma nau que se perdeu); e não se acabará só nisto o dano de vossa pertinaz confiança (ousadia), antes (ao contrário), se é verdade o que o meu juízo alcança (dom profético), vereis, em nossas naus, em cada ano, naufrágios, perdições de toda a sorte, de modo que o menor mal de todos seja a morte (alusão às crueldades que sofreriam muitos Portugueses, escapando dos naufrágios, mas padecendo martírios prolongados, antes de serem mortos).

45

- "É do primeiro Ilustre, que a ventura  
Com fama alta fizer tocar os Céus,  
Serei eterna e nova sepultura,  
Por juízos incógnitos de Deus.  
Aqui porá da Turca armada dura  
Os soberbos e prósperos troféus;  
Comigo de seus danos o ameaça  
A destruída Quíloa com Mombaça.

E, por incógnitos juízos de Deus (desconhecidos desígnios) serei a eterna e nova sepultura do primeiro varão ilustre Português (o primeiro vice-Rei da Índia, D. Francisco de Almeida, que foi morto pelos Indígenas ao Norte do cabo da boa esperança), a quem aventura fizer tocar os céus (a fama subiria às nuvens). Aqui (neste promontório) esse varão deporá os soberbos e prósperos troféus

(despojos de guerra) da armada turca; além de mim, ameaça-o a cidade de Quíloa por ele destruída e também Mombaça, por causa de seus danos (os habitantes de Quíloa, para vingar D. Francisco Almeida, desejavam sua morte).

46

- "Outro também virá de honrada fama,  
Liberal, cavaleiro, enamorado,  
E consigo trará a formosa dama  
Que Amor por grã mercê lhe terá dado.  
Triste ventura e negro fado os chama  
Neste terreno meu, que duro e irado  
Os deixará dum cru naufrágio vivos  
Para verem trabalhos excessivos.

Virá aqui também outro Português ilustre, de honrada fama liberal, cavaleiro e namorado e que trará consigo a formosa dama que o amor, por grande mercê, lhe terá dado (alude à desgraça que aconteceu. Manuel de Sousa Sepúlveda e D. Leonor de Sá, regressando da Índia ao reino, naufragaram no cabo em 1552, escapando do naufrágio, mas parecendo em terra cruéis tormentos, morrendo de fome e sede, em completa nudez na areia da praia). Triste ventura e negro destino os chama neste meu terreno (terra de África) que duro e irado os deixara vivos, depois de um cru naufrágio, para verem em si excessivos trabalhos.

47

- "Verão morrer com fome os filhos caros,  
Em tanto amor gerados e nascidos;  
Verão os Cafres ásperos e avaros  
Tirar à linda dama seus vestidos;  
Os cristalinos membros e perclaros  
A calma, ao frio, ao ar verão despídos,  
Depois de ter pisada longamente  
Co'os delicados pés a areia ardente.

Esses dois entes verão morrer com fome os caros filhos, em tanto amor gerados e nascidos; verão os ásperos e avaros Cafres (habitantes negros da

cafraria – África) tirar à linda dama os seus vestidos; verão os cristalinos e preclaros (alvíssimos, lindos, adjetivos para engrandecer a formosura e a delicadeza de D. Leonor) membros dela, despídos, ao ar, à calma, ao frio depois de ter pisado longamente com os delicados pés à areia ardente. (Na África do Sul há, por vezes, de noite, frio intenso, depois de um dia de imensa calma – calor).

48

- "E verão mais os olhos que escaparem  
De tanto mal, de tanta desventura,  
Os dois amantes míseros ficarem  
Na férvida e implacável espessura.  
Ali, depois que as pedras abrandarem  
Com lágrimas de dor, de mágoa pura,  
Abraçados as almas soltarão  
Da formosa e misérrima prisão." –

E os olhos das pessoas que escaparem de tantos males e de tanta desventura hão de ver também os dois míseros amantes ficarem mortos na férvida e implacável espessura dos matos. Ali, depois que as pedras se tornarem brandas com lágrimas de dor e de pura mágoa (prosopopéia – as pedras a chorar), os dois esposos, abraçados, soltaram as almas da sua formosa e misérrima prisão (as almas soltar-se-iam dos corpos misérrimos).

Nesta ficção do poeta não há rigor histórico. D. Leonor, vendo-se despida pelos Indígenas, mandou abrir uma cova na areia e aí se meteu até os peitos, falecendo logo e o marido, enlouquecendo, embrenhou-se no mato e desapareceu.

**4) A Fala de Vasco da Gama.** Estrofe 49. Já incomodado com tanta profecia de desgraça, Vasco da Gama interroga o monstro sobre sua identidade.

49

"Mais ia por diante o monstro horrendo  
Dizendo nossos fados, quando alçado  
Lhe disse eu: — Quem és tu? que esse estupendo



Corpo certo me tem maravilhado.-  
A boca e os olhos negros retorcendo,  
E dando um espantoso e grande brado,  
Me respondeu, com voz pesada e amara,  
Como quem da pergunta lhe pesara:

O horrendo monstro ia continuar a falar dos nossos fados (destino), quando eu, alçado (levantado, aprumado como que fala sem medo mas com valentia), lhe disse:

- Quem és tu, certo é que esse teu estupendo corpo me tem maravilhado? (nota-se a arrogância de Vasco que se dirige ao monstro de igual para igual; está admirado daquela maravilhosa corpulência, mas quer saber com quem esta falando).

Retorcendo a boca e os olhos negros e dando um espantoso e grande brado, respondeu-me com voz pesada (severa) e amara (amarga) como quem lhe pesasse a pergunta.

5) **Segunda Parte do Discurso do Gigante.** Estrofes 50 a 59. O Gigante conta a história de sua vida. O texto é autobiográfico. Ele invoca seu infeliz passado amoroso.

50

- "Eu sou aquele oculto e grande Cabo,  
A quem chamais vós outros Tormentório,  
Que nunca a Ptolomeu, Pompônio, Estrabo,  
Plínio, e quantos passaram, fui notório.  
Aqui toda a Africana costa acabo  
Neste meu nunca visto Promontório,  
Que para o Pólo Antartico se estende,  
A quem vossa ousadia tanto ofende.

Eu sou aquele oculto e grande cabo (porque era desconhecido), a quem vós outros chamais Tormentório (quando Bartolomeu Dias descobriu este cabo, deram-lhe os Portugueses o nome de Tormentório, em lembrança das grandes tormentas, mas D. João II quis que se chamasse Cabo da Boa Esperança, esperando que por aquele mar se descobriria o caminho para Índia), e que nunca foi notório a Ptolomeu (célebre astrônomo Egípcio – século II) nem a Pompônio (geógrafo

latino do século I) nem a Estrabo (notável geógrafo da Grécia antiga) nem a Plínio (célebre naturalista Romano – século I) nem a quantos passaram (os que viveram no passado). Aqui, neste meu promontório nunca visto e que se estende para o Pólo Antártico (o cabo faz em 33º de latitude sul) e a quem a vossa ousadia tanto ofende, acabo eu toda a costa Africana.

51

- "Fui dos filhos aspérrimos da Terra,  
Qual Encélado, Egeu e o Centimano;  
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra  
Contra o que vibra os raios de Vulcano;  
Não que pusesse serra sobre serra,  
Mas conquistando as ondas do Oceano,  
Fui capitão do mar, por onde andava  
A armada de Netuno, que eu buscava.

Fui um dos aspérrimos filhos da terra, qual foi Encélado, Egeu e o Centimano; chamei-me Adamastor e estive na guerra contra Júpiter, o deus que vibra os raios de vulcano. Não que eu pusesse serra sobre serra (os titãs revoltados, para subir ao céu, puseram montes sobre montes), mas andei conquistando as ondas do oceano, fui capitão do mar por onde andava a armada de Netuno que eu procurava (Adamastor revoltou-se contra Netuno e conquistou as ondas).

52

- "Amores da alta esposa de Peleu  
Me fizeram tomar tamanha empresa.  
Todas as Deusas desprezei do céu,  
Só por amar das águas a princesa.  
Um dia a vi coas filhas de Nereu  
Sair nua na praia, e logo presa  
A vontade senti de tal maneira  
Que ainda não sinto coisa que mais queira.

Amores da alta (Excelsa) esposa de Peleu (Tétis) me fizeram tomar tamanha empresa; desprezei todas as deusas do céu, só por amor à princesa das águas; um dia vi-a com as filhas de Nereu (as

Nereidas), sair nua da praia e logo senti presa a vontade (o gigante sentiu-se cativado, fascinado), de maneira tal, que ainda não sinto cousa que mais queira (apesar de ter sido desprezado, não há ainda outra formosura a que eu mais queira, senão à Tétis).

53

- "Como fosse impossível alcançá-la  
Pela grandeza feia de meu gesto,  
Determinei por armas de tomá-la,  
E a Doris este caso manifesto.  
De medo a Deusa então por mim lhe fala;  
Mas ela, com um formoso riso honesto,  
Respondeu: — "Qual será o amor bastante  
De Ninfa que sustente o dum Gigante?"

Como fosse impossível para mim conquistá-la por causa da feia grandeza do meu gesto (monstro), determinei de tomá-la por meio de armas e manifestei este caso a Dóris (a mãe de Tétis). A deusa Dóris, com medo das minhas ameaças, falou-lhe então por mim, mas Tétis, com um riso formoso e honesto, respondeu:

- "Qual será bastante o amor de Ninfa que sustente (sacie) o amor de um gigante?" (como poderá haver igualdade entre os delicados sentimentos duma formosa Ninfa e os grosseiros instintos dum monstro?).

54

- "Contudo, por livrarmos o Oceano  
De tanta guerra, eu buscarei maneira,  
Com que, com minha honra, escuse o dano."  
Tal resposta me torna a mensageira.  
Eu, que cair não pude neste engano,  
(Que é grande dos amantes a cegueira)  
Encheram-me com grandes abundanças  
O peito de desejos e esperanças.

Contudo, disse-me Tétis, para livrarmos o oceano de tanta guerra, eu buscarei alguma maneira com que, com honra minha, se evite o dano (a guerra). Foi esta a resposta que me trouxe a mensageira

Dóris. Eu, que pude cair neste engano, que não pude perceber este ardil, porque a cegueira dos amantes é grande, fui néscio; encheram-me o peito (o coração) de desejos e esperanças em grande abundância.

55

- "Já néscio, já da guerra desistindo,  
Uma noite de Dóris prometida,  
Me aparece de longe o gesto lindo  
Da branca Tétis única despida:  
Como doido corri de longe, abrindo  
Os braços, para aquela que era vida  
Deste corpo, e começo os olhos belos  
A lhe beijar, as faces e os cabelos.

Já néscio (ignorante, estúpido) já desistindo da guerra, em uma noite prometida por Dóris, apareceu-me, de longe, o lindo gesto (rosto) da branca Tétis, única (sozinha) despida. Como doido, e ainda de longe, corri, abrindo os braços para aquela Ninfa que era a vida deste meu corpo, e comecei a beijar-lhe os belos olhos, as faces e os cabelos.

56

- "Ó que não sei de nojo como o conte!  
Que, crendo ter nos braços quem amava,  
Abraçado me achei com um duro monte  
De áspero mato e de espessura brava.  
Estando com um penedo fronte a fronte,  
Que eu pelo rosto angélico apertava  
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,  
E junto dum penedo outro penedo.

Oh? Que não sei de nojo (dor) como o conte! pois crendo ter nos braços que eu amava, achei-me abraçado com um duro monte de áspero mato (espinhosas plantas) de brava espessura (árvores frondosas). Estando eu com um penedo (penhasco), fronte a fronte (frente a frente), penedo que eu apertava por julgar ser o angélico rosto de Tétis, não fiquei homem, não, mas um penedo mudo e quedo, e junto de um penedo ficou

outro penedo (o gigante perdeu a consciência e os atributos de homem, petrificado com o contado com penedo que abraçava).

57

- "Ó Ninfa, a mais formosa do Oceano,  
Já que minha presença não te agrada,  
Que te custava ter-me neste engano,  
Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?  
Daqui me parto irado, e quase insano  
Da mágoa e da desonra ali passada,  
A buscar outro inundo, onde não visse  
Quem de meu pranto e de meu mal se risse,

Ó Ninfa, a mais formosa do oceano, já que a minha presença te não agradava, que te custava conservar-me neste engano ainda que este fosse monte, nuvem, sonho ou nada? Daqui (depois da transformação) irado e quase insano por causa da mágoa e da desonra ali passada, parti a buscar outro mundo onde não visse quem se risse do meu pranto e do meu mal.

58

- "Eram já neste tempo meus irmãos  
Vencidos e em miséria extrema postos;  
E por mais segurar-se os Deuses vão,  
Alguns a vários montes sotopostos:  
E como contra o Céu não valem mãos,  
Eu, que chorando andava meus desgostos,  
Comecei a sentir do fado inimigo  
Por meus atrevimentos o castigo.

Neste tempo (no tempo dos amores do gigante) estavam meus irmãos (os gigantes Briareu e Egeu) já vencidos e postos em extrema miséria, e alguns deles para os deuses vão (soberbos) se segurarem mais (para ficarem mais seguros), estavam sotopostos (postos de baixo) a vários montes; e, como contra o céu não valem humanas mãos, eu, que andava chorando os meus desgostos, comecei a sentir, por causa dos meus atrevimentos (a ousadia de se rebelar contra Júpiter), o castigo de meu inimigo fado.

- "Converte-se-me a carne em terra dura,  
Em penedos os ossos se fizeram,  
Estes membros que vês e esta figura  
Por estas longas águas se estenderam;  
Enfim, minha grandíssima estatura  
Neste remoto cabo converteram  
Os Deuses, e por mais dobradas mágoas,  
Me anda Tétis cercando destas águas." –

Converteu-se-me a carne em terra dura, fizeram-se-me os ossos em penedos; estes membros que vês e esta figura estenderam-se por estas longas águas; enfim os deuses converteram a minha grandíssima estatura neste remoto cabo e para serem mais dobradas as minha mágoas, anda-me Tétis cercando com estas águas ("por mais dobradas", lembram estas palavras outro suplicio fabuloso, o de Tântalo, que estando a morrer de sede e tendo águas ao pé de si, não podia beber).

6) **Conclusão.** Estrofe 60. Constitui um epílogo. O súbito desaparecimento do gigante e o pedido de Vasco da Gama. Deus há de remover as profecias cruéis de Adamastor.

"Assim contava, e com um medonho choro  
Súbito diante os olhos se apartou;  
Desfez-se a nuvem negra, e com um sonoro  
Bramido muito longe o mar soou.  
Eu, levantando as mãos ao santo coro  
Dos anjos, que tão longe nos guiou,  
A Deus pedi que removesse os duros  
Casos, que Adamastor contou futuros.

Assim contou o gigante e subitamente, com um medonho choro, se apartou diante de meus olhos; a nuvem negra desfez-se e o mar soou (ressoou) muito longe com um sonoro bramido. Eu, levantando as mãos ao santo coro dos anjos, que tão longe nos guiou, pedi a Deus que removesse os duros casos futuros que Adamastor contou (que não permitisse a realização de cruéis profecias).

## O Escorbuto.

### Canto V – 81 a 83.

O escorbuto resulta da falta de alimentos frescos, principalmente frutas e legumes, providos de vitamina C. É, pois, a ausência da vitamina C no organismo, agravada pelo excesso de peixes e carnes salgadas. Momentos da descrição do escorbuto:

A) Apresentação do fenômeno (os quatro primeiros versos da estrofe 81);

B) A descrição pormenorizada da doença (os quatro últimos versos da estrofe 81 e a estrofe 82);

C) A morte dos companheiros, o desenlace final (os quatro primeiros versos da estrofe 83);

D) Exclamação sentenciosa com que fecha a narrativa – Epifonema (os quatro últimos versos da estrofe 83).

81

"E foi, que de doença crua e feia,  
A mais que eu nunca vi, desampararam  
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia  
Os ossos para sempre sepultaram.  
Quem haverá que, sem o ver, o creia?  
Que tão disformemente ali lhe incharam  
As gengivas na boca, que crescia  
A carne, e juntamente apodrecia.

E a nova desventura foi, que muitos de vossos companheiros  
desampararam a vida e sepultaram os ossos, para sempre, em terra  
estranha e alheia, e de doença, a mais cruel e feia que eu nunca vi. Quem  
haverá que, sem o ver, o creia? Pois ali lhes incharam as gengivas na  
boca tão disformemente, que a carne crescia e ao mesmo tempo  
apodrecia (gangrenava).

82

"- Apodrecia com um fétido e bruto  
Cheiro, que o ar vizinho infeccionava.  
Não tínhamos ali médico astuto,  
Cirurgião sutil menos se achava;  
Mas qualquer, neste ofício pouco instruto,  
Pela carne já podre assim cortava,  
Como se fora morta, e bem convinha,  
Pois que morto ficava quem a tinha.

A carne apodrecia com um fétido e repelente cheiro, que infeccionava o ar vizinho. Não tinham ali médico perspicaz, também não se achava ali cirurgião hábil; mas qualquer de nós, pouco instruído neste ofício, cortava já pela carne podre, assim como se fora carne morta; e bem convinha que fosse cortada, pois que ficava morto quem a tinha.

83

"Enfim que nesta incógnita espessura  
Deixamos para sempre os companheiros,  
Que em tal caminho e em tanta desventura  
Foram sempre conosco aventureiros.  
Quão fácil é ao corpo a sepultura!  
Quaisquer ondas do mar, quaisquer outeiros  
Estranhos, assim mesmo como aos nossos,  
Receberão de todo o Ilustre os ossos.

Enfim, foi nesta desconhecida floresta que deixamos para sempre os companheiros que em tal caminho foram sempre aventureiros conosco em tanta desventura. Quão fácil é ao corpo a sepultura! Quaisquer ondas do



mar, quaisquer outeiros estranhos receberão os ossos de todo o homem ilustre, assim mesmo como receberão os nossos.

## ***A Ilha dos Amores.***

### **Canto IX – estrofes 64 a 95.**

Vênus põe no caminho dos portugueses, quando de retorno à Pátria, uma ilha encantada como prêmio pelas conquistas no Oriente. Trecho sensual, erótico, tão comum ao pensamento renascentista. Canto IX, estrofes de 64 a 95. No texto predomina a descrição. Procura representar uma paradisíaca ilha mística, símbolo das recompensas que merecem os heróis Portugueses. Coroados de louro, ouro e flores, os heróis navegantes desposam as ninfas. É a recriação do Éden que Vênus prepara para receber e homenagear os marinheiros Portugueses. As ninfas, belas deusas, vagueiam pelas florestas, fingindo-se incautas. Tocam cítara, harpa e flauta. Simulam perseguir animais, em caça, com o arco. Era a arte erótica, ensinada por Vênus, a Deusa do Amor, para fazerem-se desejadas. As uniões amorosas realizam-se, ouvem-se o beijo, o choro, o afago e o riso dos amantes. E o poeta remata... o amor

“Melhor é experimentá-lo que julgá-lo,  
Mas julgue-o quem não pode experimentá-lo”

75

Leonardo, soldado bem disposto,  
Manhoso, cavaleiro e namorado,  
A quem amor não dera um só desgosto,  
Mas sempre fora dele maltratado,  
E tinha já por firme pressuposto  
Ser com amores mal afortunado,  
Porém não que perdesse a esperança  
De ainda poder seu fado ter mudança,

Leonardo, soldado de boa presença, ardiloso, sabedor dos artifícios próprios para captar o amor das damas, animoso, generoso e inclinado a amores, a quem o amor não tinha um só desgosto, mas muitos desgostos, pois sempre fora dele maltratado e tinha já por firme pressuposto

(convicção) ser mal afortunado com amores sem que perdesse a esperança de poder ainda o seu fado (o seu destino) ter mudança.

76

Quis aqui sua ventura, que corria  
Após Efire, exemplo de beleza,  
Que mais caro que as outras dar queria  
O que deu para dar-se a natureza.  
Já cansado correndo lhe dizia:  
"Ó formosura indigna de aspereza,  
Pois desta vida te concedo a palma,  
Espera um corpo de quem levas a alma.

Quis aqui a sua ventura (sorte, fortuna) que ele corresse atrás de Efire, ninfa que era exemplo de beleza e que queria dar mais caro do que as outras o que a natureza deu para se dar. Ou seja, a ninfa Efire era mais esquiva do que outras ninfas, não queria entregar a sua formosura sem aparentar muita dificuldade. Leonardo, cansado de correr dizia a Efire: "Ó formosura, indigna de aspereza, ou seja, incapaz de ter severidade, já que a severidade é incompatível coma formosura de ninfa, pois, te concedo a palma (a vitória) desta minha vida; levas-me a alma, tiras-me a vida, espera, pois, que este corpo se junto à alma que tu levas para que eu possa viver".

77

"Todas de correr cansam, Ninfa pura,  
Rendendo-se à vontade do inimigo,  
Tu só de mi só foges na espessura?  
Quem te disse que eu era o que te sigo?  
Se to tem dito já aquela ventura,  
Que em toda a parte sempre anda comigo,  
Ó não na creias, porque eu, quando a cria,  
Mil vezes cada hora me mentia.

Todas cansam de correr, Ó ninfa pura, rendendo-se à vontade do inimigo, ou seja, dos amantes por pretenderem estes vencerem as ninfas pelo assédio persistente. No interior do bosque só tu foges de mim! Quem te disse que era eu o que te sigo? Se aquela má ventura ou seja a sorte, o destino, o fado, tem dito a ti que nunca tive sorte nos amores, que em toda a parte esta sorte sempre anda comigo, Oh!, não creias, porque, quando eu cria, a ventura mentia-me mil vezes em cada hora, ou seja a cada momento está mentindo a sorte aos que imaginam e esperam que hão de ser felizes no amor.

78

"Não canses, que me cansas: e se queres  
Fugir-me, por que não possa tocar-te,  
Minha ventura é tal que, ainda que esperes,  
Ela fará que não possa alcançar-te.  
Espera; quero ver, se tu quiseses,  
Que subtil modo busca de escapar-te,  
E notarás, no fim deste sucesso,  
Tra la spica e la man, qual muro è messo.

Não canses, que me cansas; se queres fugir de mim para que eu não possa tocar-te, a minha sorte é tão má que, ainda que me esperes, ela fará que eu não possa alcançar-te. Espera. Quero \_ se tu quiseses \_ ver que subtil modo a sorte busca de escapar-te; E no fim deste sucesso tra la spica e la man, qual muro è messo. Verso de Petrarca que, em tradução livre, significa: "semelhante ao muro que se interpõe entre a mão e a espiga". O verso de Petrarca é uma espécie de provérbio para indicar uma dificuldade que surge quando está prestes a realizar-se o que se pretende e se espera. Em outros termos. Não me cause a fadiga de vê-la cansada. Se pretende fugir de mim, para que não me aproxime de você, pode ter a certeza que é tal a minha sorte, que, mesmo que você pare, não poderei tocar em você. Pare, pois, que só quero experimentar, se assim for sua vontade, que sutileza empregara a minha desventura para se livrar de mim, quando se resolva parar; e verá que, em eu me aproximando de você, aparece de improviso algum obstáculo a separar-nos como a parede separa da espiga a mão que pretende apanhá-la.

79

"Ó não me fujas! Assim nunca o breve  
Tempo fuja de tua formosura!  
Que, só com refrear o passo leve,  
Vencerás da fortuna a força dura.  
Que Imperador, que exército se atreve  
A quebrantar a fúria da ventura,  
Que, em quanto desejei, me vai seguindo,  
O que tu só farás não me fugindo!

Oh! Não fujas. Oxalá que o breve tempo nunca fuja, assim desse modo, da tua formosura, pois só com o refrear o seu leve passo, vencerás a dura força do destino. Que imperador, que exército se atreverá a quebrantar a fúria do destino que me vai seguindo em tudo quanto desejei? Isso é o que só tu farias, não fugindo de mim. Em outros termos: o tempo foge, não para; a formosura com o tempo, desaparece. Leonardo exprime o desejo de que o tempo não fuja, para não matar a beleza de Efire. O

destino queria que Leonardo fosse infeliz em matéria de amor; Efire venceria a força desse destino, permitindo que Leonardo aproximasse dela. Nenhum imperador, nenhum exército, isto é, nenhuma força humana poderia invalidar a má sorte de Leonardo nos assuntos de amor. Mas Efire teria esse poder, desde que não mais fugisse de Leonardo.

80

"Pões-te da parte da desdita minha?  
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.  
Levas-me um coração, que livre tinha?  
Solta-me, e correrás mais levemente.  
Não te carrega essa alma tão mesquinha,  
Que nesses fios de ouro reluzente  
Atada levas? Ou, depois de presa,  
Lhe mudaste a ventura, e menos pesa?"

Tu te pões da parte de meu infortúnio? É fraqueza dar ajuda ao mais poderoso? (a má sorte de Leonardo era mais poderosa do que ele; a diva, se fosse generosa, devia ajudá-lo contra a má sorte). Levas-me um coração que eu tinha livre? Solta o meu coração e correrás mais livremente. Não te carrega essa minha alma tão miserável que levas atada nesses fios reluzentes de ouro. Ou depois de presa, mudaste sua sorte e pesa menos (a alma estava carregada de desgosto e por isso pesada). Assim, Leonardo, vendo que Efire continua a correr tão velozmente, pergunta-lhe se a alma dele, por ir presa aos louros cabelos da ninfa, já pesa menos. Finge o poeta que a alma pode ter peso.

81

"Nesta esperança só te vou seguindo:  
Que, ou tu não sofrerás o peso dela,  
Ou na virtude de teu gesto lindo  
Lhe mudarás a triste e dura estrela:  
E se se lhe mudar, não vás fugindo,  
Que Amor te ferirá, gentil donzela,  
E tu me esperarás, se Amor te fere:  
E se me esperas, não há mais que espere."

Só nesta esperança de que a sorte da minha alma deixe de ser má e se transforme em sorte feliz pelo fato de ser levada nos teus cabelos, eu vou te seguindo, pois ou tu não sofrerás o peso dela (o peso da alma de Leonardo) ou se lhe mudará a triste e dura estrela (a má sorte), com a virtude de teu lindo gesto; e, se acaso se mudar, ó gentil donzela, não vás fugindo, porque o amor te ferirá; e, se o amor te ferir tu me esperarás; e, se me esperares, nada mais há que eu espere (só isso espero).

82

Já não fugia a bela Ninfa, tanto  
Por se dar cara ao triste que a seguia,  
Como por ir ouvindo o doce canto,  
As namoradas mágoas que dizia.  
Volvendo o rosto já sereno e santo,  
Toda banhada em riso e alegria,  
Cair se deixa aos pés do vencedor,  
Que todo se desfaz em puro amor.

A bela ninfa fugia ainda, não tanto, mas pouco para fingir que não se entregava ao amante sem opor alguma dificuldade como também para continuar ouvindo as dulcíssimas frases e as amorosas queixas do namorado. E, volvendo o rosto já sereno e benigno, toda banhada de riso e alegria, deixa-se cair aos pés do vencedor, que todo se desfaz em puro amor.

83

Ó que famintos beijos na floresta,  
E que mimoso choro que soava!  
Que afagos tão suaves, que ira honesta,  
Que em risinhos alegres se tornava!  
O que mais passam na manhã, e na sesta,  
Que Vênus com prazeres inflamava,  
Melhor é experimentá-lo que julgá-lo,  
Mas julgue-o quem não pode experimentá-lo.

Oh! Que famintos e esfomeados beijos trocados com avidez de quem muito os desejava, suave e terno pranto, soava na floresta; que afago tão suave! Que ira honesta que se tornava em risinhos alegres! O mais que os moços e as ninfas passaram na manhã e na tarde que Vênus inflamava com prazeres, é melhor experimentá-los que julgá-lo, mas julgue-o quem não pode experimentá-lo. Aqueles que não podem experimentar o amor que fiquem julgando o amor que outros experimentam. Ou também, é preferível experimentá-lo que imaginá-lo.

## O Caminho da Imortalidade.

### Canto IX – 92 e 93.

Nas estrofes 92 e 93, o Poeta aconselha todos aqueles que pretendam atingir a suprema honra e a imortalidade. Nas estrofes, os conselhos que dignificam o homem e sua própria história de vida:

- A) Despertar do ócio ignavo que escraviza a alma. "Ignavo" é o adjetivo de "ócio" e significa "indolente", "preguiçoso", "fraco", "pusilânime";
- B) A ambição e a cobiça devem ser contidas;
- C) Recusar o torpe e escuro vício da tirania;
- D) É melhor merecer honras e riquezas sem a possuir, que possuí-las sem as merecer.

92

Por isso, ó vós que as famas estimais,  
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,  
Despertai já do sono do ócio ignavo,  
Que o ânimo de livre faz escravo.

93

E ponde na cobiça um freio duro,  
E na ambição também, que indignamente  
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro  
Vício da tirania infame e urgente;  
Porque essas honras vãs, esse ouro puro  
Verdadeiro valor não dão à gente:  
Melhor é, merecê-los sem os ter,  
Que possuí-los sem os merecer.

Por isso, ó vós, que estimais (cultivais) a famas (as horárias) se quiserdes ser tamanhos (dignos, honrados) no mundo, despertai já do ignavo ócio o sono (ócio preguiçoso, indolente, inerte, covarde, que escraviza o ânimo que antes era livre).

E ponde um freio duro na cobiça e também um freio duro na ambição que indignamente tomais mil vezes no torpe (impudico, desonesto, vergonhoso, ignóbil, sórdido, nojento) e escuro vício da tirania infame e urgente (que urge... que oprime – latinismo), porque essa honras vãs (vazias, ocas, ilusórias, sem fundamento real, fúteis, frívolas), esse ouro puro não dão verdadeiro valor à gente. Melhor é merecê-los sem os ter

que possuí-los sem os merecer. Como atingir a imortalidade? Evitando honras vãs e ouro puro, o ócio, a cobiça, a ambição e a tirania. Deduz-se destas estrofes algum desalento e uma crítica a todos aqueles que, na época e hoje, levam uma vida de ócio, procurando a riqueza fácil, manchada de traições e manobras covardes.



## O Regresso à Pátria.

### Canto X – 144.

Nesta única estrofe, o poeta narra o regresso e a chegada triunfal em Lisboa. Tudo é calmo no regresso, certamente para indicar a tranqüilidade dos heróis. O mar é sereno; o vento, manso e nunca irado. O Tejo é ameno; o Rei, temido e amado. No regresso, tudo é satisfação da missão cumprida. O Rei, D. Manuel I, cuidará de seus títulos, consagrando os heróis Senhores da Conquista, Navegação e Comércio de Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia.

144

Assim foram cortando o mar sereno,  
Com vento sempre manso e nunca irado,  
Até que houveram vista do terreno  
Em que nasceram, sempre desejado.  
Entraram pela foz do Tejo ameno,  
E à sua pátria e Rei temido e amado  
O prêmio e glória dão por que mandou,  
E com títulos novos se ilustrou.

As naus foram cortando o mar sereno (calmo, sem ondas), com vento sempre manso e nunca irado (personificação), até que tiveram vista da terra sempre desejada em que nasceram. Entraram pela foz do Tejo ameno e dão o prêmio e glória à sua pátria e ao seu Rei temido e amado que os mandou; e o Rei ilustra (homenageia) os heróis com novos títulos. "Entraram pela foz do Tejo ameno..." primeiro chega a Cascais Nicolau Coelho que se separou dos demais, à altura do Cabo Verde. Chegou a 10 de julho de 1499. Vasco da Gama teve que ficar na ilha de Santiago, já que o irmão Paulo da Vaga estava muito enfermo. Só chegou a Belém, donde partira, em setembro de 1499. Como iniciou a viagem em 8 de junho de 1497, esta durou dois anos e dois meses.

***PROFESSOR JORGE MIGUEL***

**BIBLIOGRAFIA.**

- **CURSO DE LITERATURA**  
**EDITORA HARBRA**  
**JORGE MIGUEL**
  
- **OS LUSÍADAS – LUÍS DE CAMÕES**  
**TEXTOS EDITORA**  
**ANTÔNIO AFONSO BORREGANA**
  
- **INTRODUÇÃO À LEITURA DE OS LUSÍADAS**  
**SEBENTA EDITORA**  
**AVELINO SOARES CABRAL**